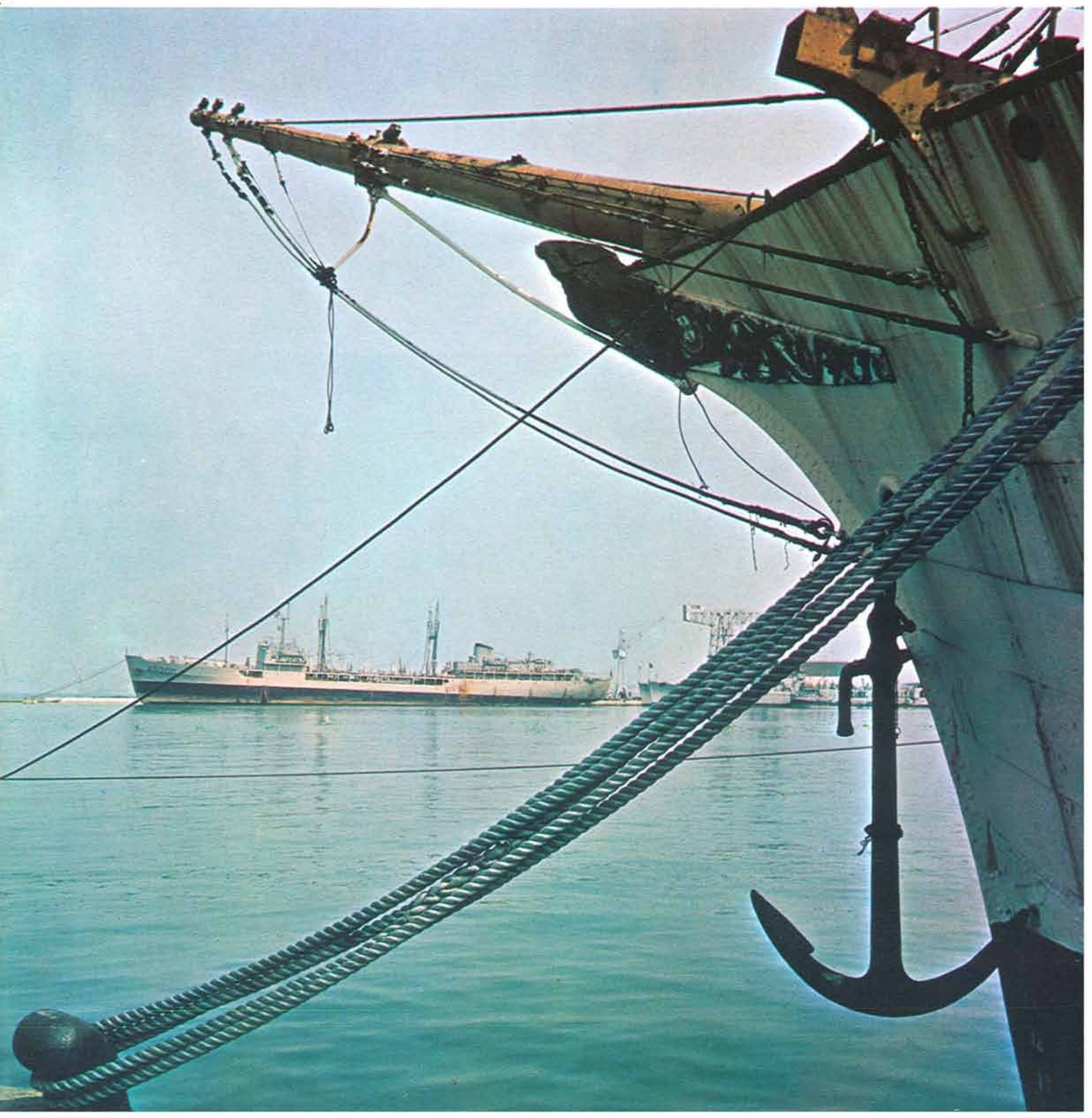
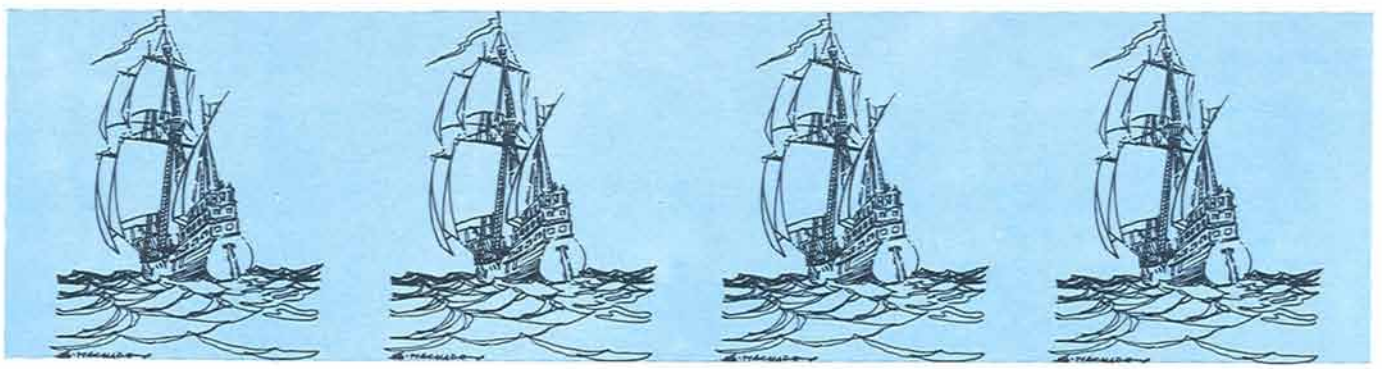
N.º 22 / JULHO 1973 / ANO III

revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
O. Lemos	**Bibliografia**	5
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	5
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	6
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O «Design»	7
L. Praça	**Ultramar** Moçambique – *Portos e transportes marítimos*	11
S. Elpídio	**Saibam todos**	13
A. Chuquere	**Inquérito**	14
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	16
Redacção	**Voz da Abita**	17
S. Machado	**Dia da Marinha**	18
G. Brandão	**Filatelia**	20
J. Carvalheira	**Os Pescadores da Nazaré e a sua Devoção por Nossa Senhora dos Aflitos**	21
J. Fonseca	**Desportos**	23
A. Barreiros	**Curiosidades**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	25
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 22 / JULHO DE 1973 / ANO III

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

Base Naval – Miscelânea de antigo e moderno...

(Foto de A. Fernandes, fotógrafo do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

PARABÉNS A VOCÊ...

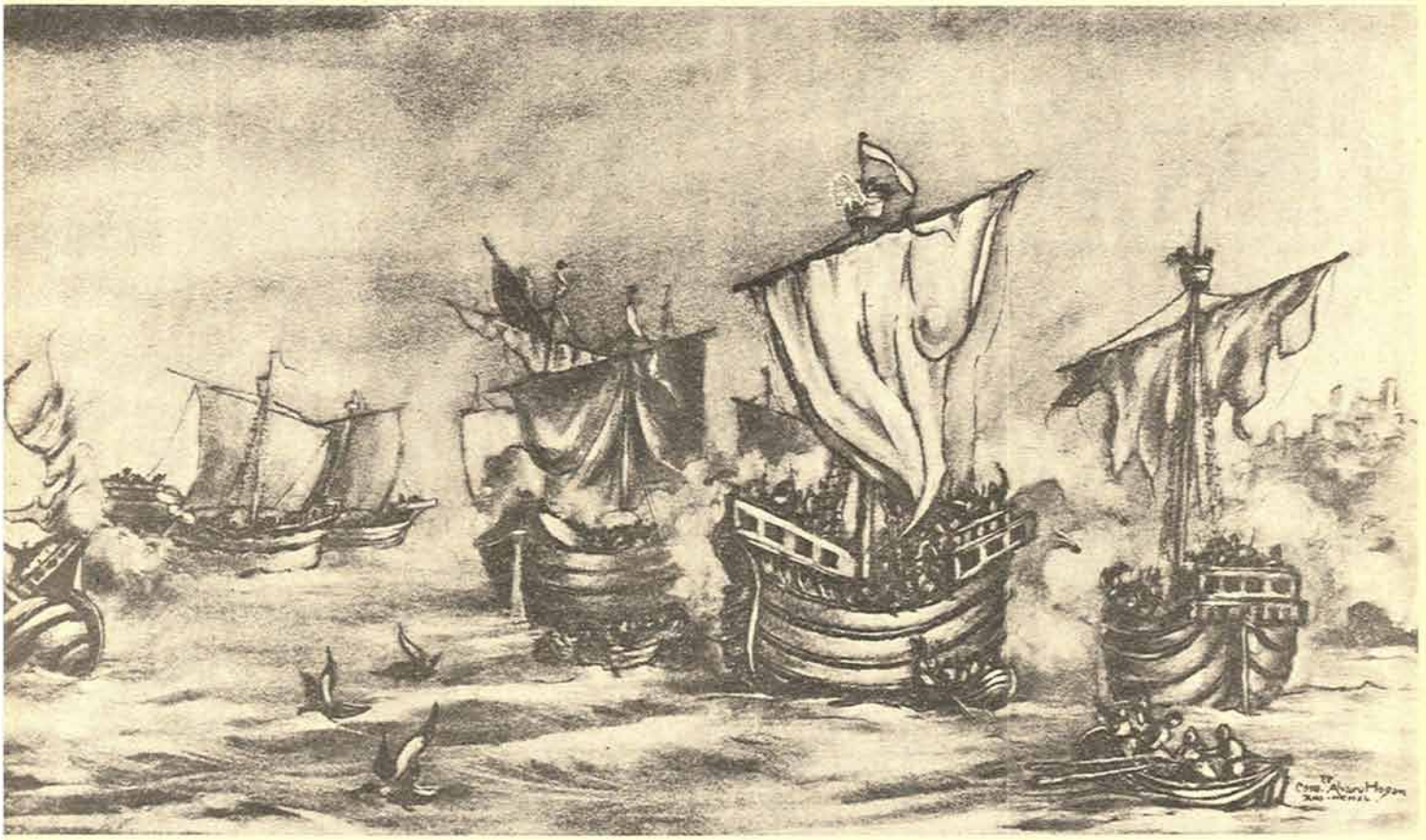
Quando a nossa Revista completa 2 anos de existência, parece oportuno apresentar aos leitores as pessoas que a fazem e dar-lhes conta dos meios de que dispomos.
Somos exactamente dez, tantos como os dedos das mãos: director, corpo redactorial (cinco), chefe da Secretaria, escriturário, dactilógrafa e orientador gráfico (1). Com excepção do último, e mesmo este de família da Armada, todos pertencem aos quadros da Marinha. Cada um tem as suas obrigações, e posso garantir que todos as cumprem com a maior devoção, sempre na ideia de vos proporcionar uns momentos de leitura amena, e de prestigiar a Marinha que todos amamos.
Quanto a meios, dispomos das verbas necessárias e suficientes, de instalações próprias, embora provisórias, no edifício do Ministério, de uma viatura automóvel e da valiosa colaboração dos Serviços de Fotografia do Estado-Maior.
Dispomos também, e é esse o nosso maior estímulo, do apoio moral de toda a Corporação, desde o mais alto escalão até aos funcionários mais modestos. E é curioso revelar que há também muitos civis, e cada vez mais, entusiastas da Revista. Ou nós não fossemos um povo de marinheiros...

E parabéns à Marinha que comemora o dia da sua festa anual. Quantos anos faz? Muitos, quase tantos como a própria nacionalidade.
Evoquemos o dia 8 de Julho de 1497, que inspirou o Dia da Marinha...
A praia do Restelo está apinhada de gente. Ao largo, fundeada, a esquadra do grande Gama pronta a largar. Constituem-na as naus «S. Gabriel», «S. Rafael» e «Bérrio».
As tripulações embarcaram no meio de grande grita, depois de comungar e rezar na pequena Capela de Santa Maria de Belém. Provavelmente, nunca mais voltarão!
Ouvem-se apitos de manobra e vozes de comando. Suspendem-se os ferros e largam-se as velas. Acenam-se lenços das margens do Tejo. Portugal que fica despede-se do Portugal que parte...
Vai nobreza, vai clero e vai povo, nas pessoas dos comandantes, dos capelães e dos marinheiros e soldados.
Há um velho que afirma que eles nunca chegarão à Índia... Enganou-se, não os conhecia bem, nem sabia do que eles eram capazes!

(1) Vide fotografia na reportagem.

Com. RA

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE JULHO



Julho de 1384, batalha naval do Tejo.

Procurava Mestre de Aviz, «apoiado na arraia miúda, que não tinha preconceitos e queria que Portugal fosse independente e não desejava um rei estrangeiro», assumir a chefia da revolução contra a tentativa do domínio castelhano.

D. Beatriz, filha de D. Fernando, num casamento desastroso, havia desposado o rei de Castela. Por morte daquele, era D. Beatriz a herdeira da coroa lusitana. Por via disso, D. João I de Castela «invadiu Portugal, estava perto de Lisboa, pronto a cercá-la por mar e terra».

É na data acima – antecedendo Aljubarrota – que se dá a batalha naval do Tejo. Em Restelo Velho, uma armada castelhana – 40 naus e 13 galés – impunha bloqueio a Lisboa.

Do Douro tinha saído a esquadra portuguesa. Com cinco naus e a «Milheira» à frente, do comando de Rui Pereira (tio de Nuno Álvares), entrou no Tejo. Mais a «Estrela», comandada por Álvaro Pires de Castro; a «Farinheira», por João Gomes da Silva; a «Sangrenta», por Aires Gonçalves de Figueiredo; na última vinham os Távoras, Pero Lourenço e Rui Lourenço – seguiam-se as galés.

Rui Pereira encontra a morte nesta batalha, a que «os historiadores nacionais nunca deram o devido relevo ao feito (...). O heróico capitão-mor das naus do Mestre de Aviz salvou a causa da independência. Não haja dúvida. Se Lisboa não fosse abastecida, a rendição da cidade era certa; e rendida Lisboa pela fome, perdida estava a causa do Mestre e da Pátria portuguesa. Inútil é procurar nas praças de Lisboa a estátua do homem que deu a vida para evitar que a fome inutilizasse o esforço dos seus defensores. Nem a banal e corriqueira homenagem de dar o seu nome a uma rua foi prestada àquele que, salvando Lisboa, salvou Portugal do destino de se tornar uma província castelhana».

M. Horta
Sarg.-aj. L

bibliografia

A ARTE DE AMAR (1948-1962)
(Poesia) por David Mourão-Ferreira

Poesia límpida, a de David Mourão-Ferreira! Revestido de uma estrutura formal com que nos deleitamos e comprazemos, o conteúdo poético é cheio de ritmo, emoção e sonho que sempre nos conduzem a um renovado encanto. Poesia, em suma, que vale a pena ler porque faz bem.
Neste livro se resume a quase totalidade da poesia de Mourão-Ferreira anterior a 1967.
O volume, de que a Verbo faz agora a 2.ª edição, inclui um prólogo do autor e estudos críticos por João Palma-Ferreira e Eduardo do Prado Coelho.

RAIZ DA LÁGRIMA
(Poesia) por António Manuel Couto Viana

Temos aqui um poeta que trabalha a poesia com inexcedível perfeição; e nem a cadência e a forma são obstáculo ao límpido fluir, natural e fácil do que tem para dizer. Não é poesia alegre e, quando o parece, por trás do sorriso se nota a ironia da tristeza ou do desalento. O lirismo de Couto Viana atinge aqui e além tons patéticos acentuados às vezes por uma singeleza e humildade sem mancha. No mar largo e desencontrado da poesia actual, Couto Viana oferece-nos um belo porto de abrigo.

CONTOS DO GIN-TONIC
(Ficção, poesia) por Mário Henrique Leiria

Ainda da Editorial Estampa, apareceu há tempos este livro original de Henrique Leiria. Humor negro, à mistura com anedotas inofensivas tudo conduzido com imaginação e desenvoltura de escrita não chegam, às vezes, para subtrair ao leitor uma certa sensação de desconforto e frustração. A nossa sociedade está ali mordazmente escalpelizada. Está lá toda a gente subtil e terrivelmente retratada com inexcedível perspicácia. Vale a pena!

EDUCAÇÃO E POLÍTICA
(Estudo) por Rui Namorado

No rasto dos rios de tinta que a reforma do Ensino do Prof. Veiga Simão tem já feito correr apareceu mais este estudo por Rui Namorado. Analisando sistematicamente o ensino como um todo, propõe-se o autor defender um tipo de Reforma que ultrapassa, pelo seu radicalismo, aquela que o Governo se propõe levar a cabo.

O MERCADO COMUM
– A INTEGRAÇÃO
E PORTUGAL
(Ensaio) por Sérgio Ribeiro

A Editorial Estampa distribuiu há pouco esta obra polémica de Sérgio Ribeiro. Nela analisa o autor, à sua maneira e do seu ponto de vista pessoal, o fenómeno económico que é o Mercado Comum e as suas implicações à escala europeia. Livro útil sem dúvida, embora controverso, que poderá ajudar a formular um juizo sobre a conjuntura subjacente à pretendida aproximação de Portugal desse bloco económico.

A BATALHA
DO MEIO AMBIENTE
– O QUE É A POLUIÇÃO
por Jacques Vernier

Em edição da Futura aparece, agora que tanto se fala de poluição e meio ambiente, esta boa obra de Jacques Vernier que porá o leitor a par do conhecimento e implicação deste problema magno para a humanidade nos dias de hoje. É sem dúvida das melhores obras sobre este tema.

O. Lemos
Cap.-frag.

Perguntas... Com Cocha

1 – Asa da figura serve para voar?
2 – Asilante é indivíduo recolhido em asilo?
3 – Quando o navio se põe à sombra fá-lo para evitar os raios solares?
4 – Assombrado significa estar coberto com sombra?
5 – Aterrar é causar medo a alguém?
6 – E atravessar é passar através de qualquer coisa?
7 – Navio à trinca está dando dentada?
8 – Aventar é lançar fora?
9 – Um aviso é a transmissão de uma notícia?
10 – Bailadeiras são dançarinas?

Respostas... Descochadas

1 – A asa da figura é uma configuração em forma de «S» que se dá à figura de proa dos navios.
2 – Asilante é termo de calão utilizado para identificar aquele que vive a bordo.
3 – O navio está à sombra quando se encontra ao abrigo do vento, junto de costa alta ou por sotavento de navio mais alteroso.
4 – Assombrado é sinónimo de cariz, aspecto do tempo.
5 – Aterrar ou fazer uma aterragem é encontrar a terra demandada do largo.
6 – Atravessar é colocar o navio de modo a rece-

ber o mar, vento, maré ou corrente, pelo través.

7 – O navio vai à trinca quando segue muito cingido ao vento; expressões sinónimas são: «a cavalo no vento», «fechado à bolina» e «cochado ao vento».

8 – Aventar é folgar uma escota, aliviá-la.

9 – Aviso é um navio pequeno utilizado para manter as comunicações duma força naval.

10 – Chama-se bailadeiras à agitação da superfície da água causada pelo encontro de correntes ou pelo choque de duas correntes de direcções diferentes.

a Pátria honrai

A medalha da Cruz de Guerra de 3.ª classe constitui bem merecido galardão atribuído ao marinheiro fuzileiro especial n.º 540/65 FRANCISCO MEDEIROS LOPES, do Destacamento n.º 8 de Fuzileiros Especiais, premiando as suas excepcionais qualidades de coragem, espírito de sacrifício, decisão, desprezo pelo perigo, sangue-frio, serena energia debaixo de fogo, abnegação e alta noção do dever militar, a par de um moral inabalável que o creditaram como combatente invulgar, digno de toda a confiança e consideração do seu comando que muito se orgulhou de o ter sob as suas ordens.

Óptimo apontador de metralhadora ligeira, dotado de excelente técnica individual de combate, de rara intuição para a luta de guerrilha, o marinheiro LOPES evidenciou-se em todas as acções de fogo em que tomou parte, quase nunca se abrigando para poder bater mais eficientemente as posições inimigas e correndo para elas cada vez que o inimigo se mostrava mais renitente em as abandonar, procurando o contacto com os elementos adversos e sugerindo manobras tácticas acertadas.

A sua acção em combate teve aspectos de rara valentia, sendo de realçar o seu comportamento numa operação em que, ao ser atacado o grupo de assalto em que se encontrava integrado por um grupo inimigo muito superior em efectivo, o marinheiro LOPES não hesitou em correr sozinho sobre o inimigo, em campo completamente aberto e sob intensíssimo volume de fogo, apesar de ele já nos ter causado várias baixas.

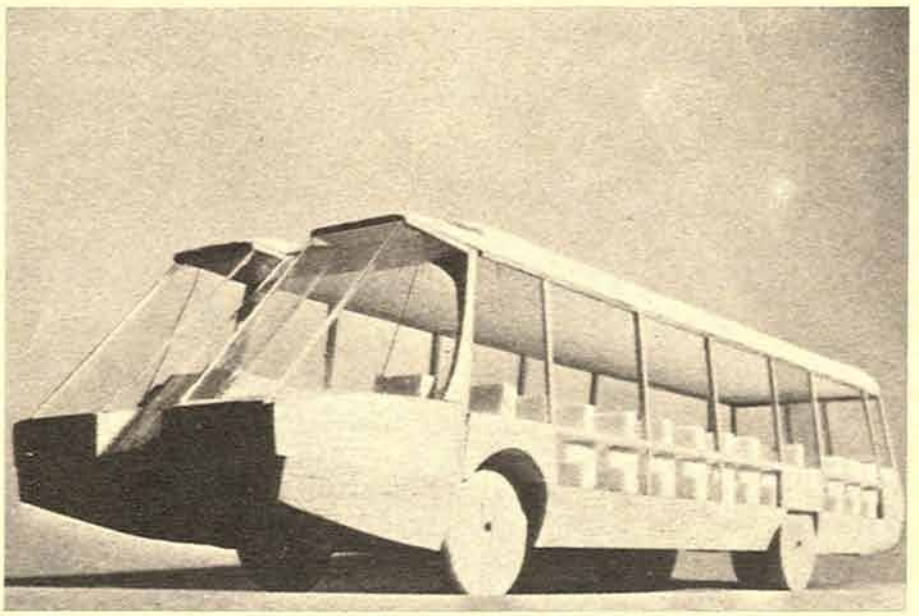
As excepcionais virtudes militares e os feitos em combate do marinheiro LOPES permitem colocá-lo numa posição de destaque entre os elementos do seu destacamento e de tal modo que deve ser apontado como exemplo marcante dum militar que honra a arma a que pertence.

N. R.: *O marinheiro fuzileiro especial LOPES é natural de Albernoa, concelho e distrito de Beja.*

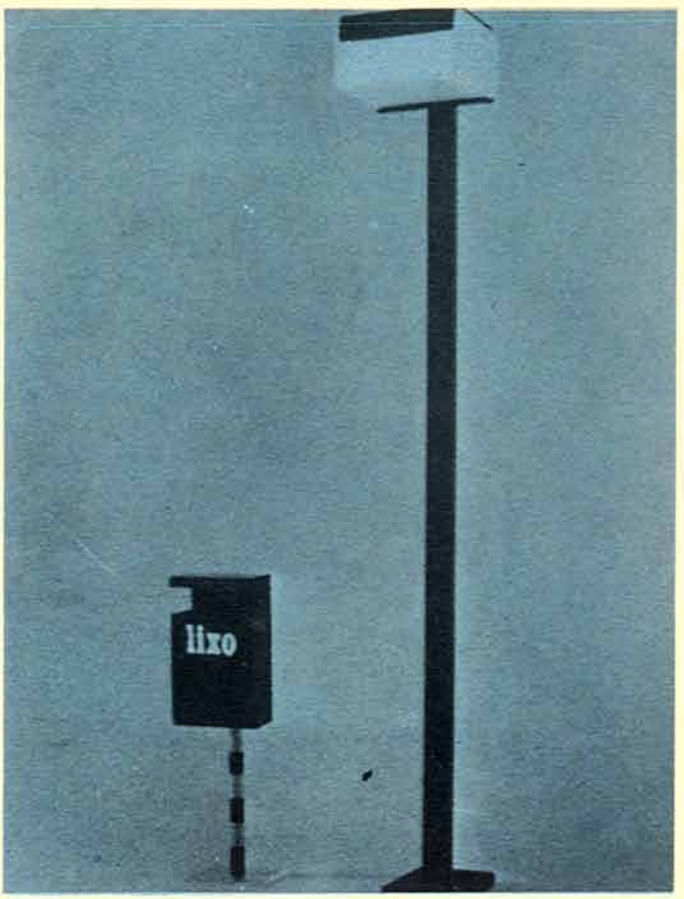
O "DESIGN"

Fala-se hoje muito de «design» (pronuncia-se dizaine) mas há um grande número de pessoas que não fazem ideia precisa do que ele é na realidade. Já se fizeram entre nós duas exposições de «design» e em todos os ramos da produção o «designer» (aquele que profissionalmente se dedica ao seu estudo e promoção) começa a exercer papel de relevo. É a ele que cabe orientar a indústria para realizações remuneradoras do ponto de vista empresarial e conseguir ao mesmo tempo que os utilizadores ou consumidores se sintam satisfeitos e felizes. As coisas que, embora perfeitas do ponto de vista funcional, não agradem têm poucas hipóteses de êxito no mercado de consumo; aquelas que agradam mas não são funcionais acabam por se desacreditar pois não satisfazem à sua finalidade primária.

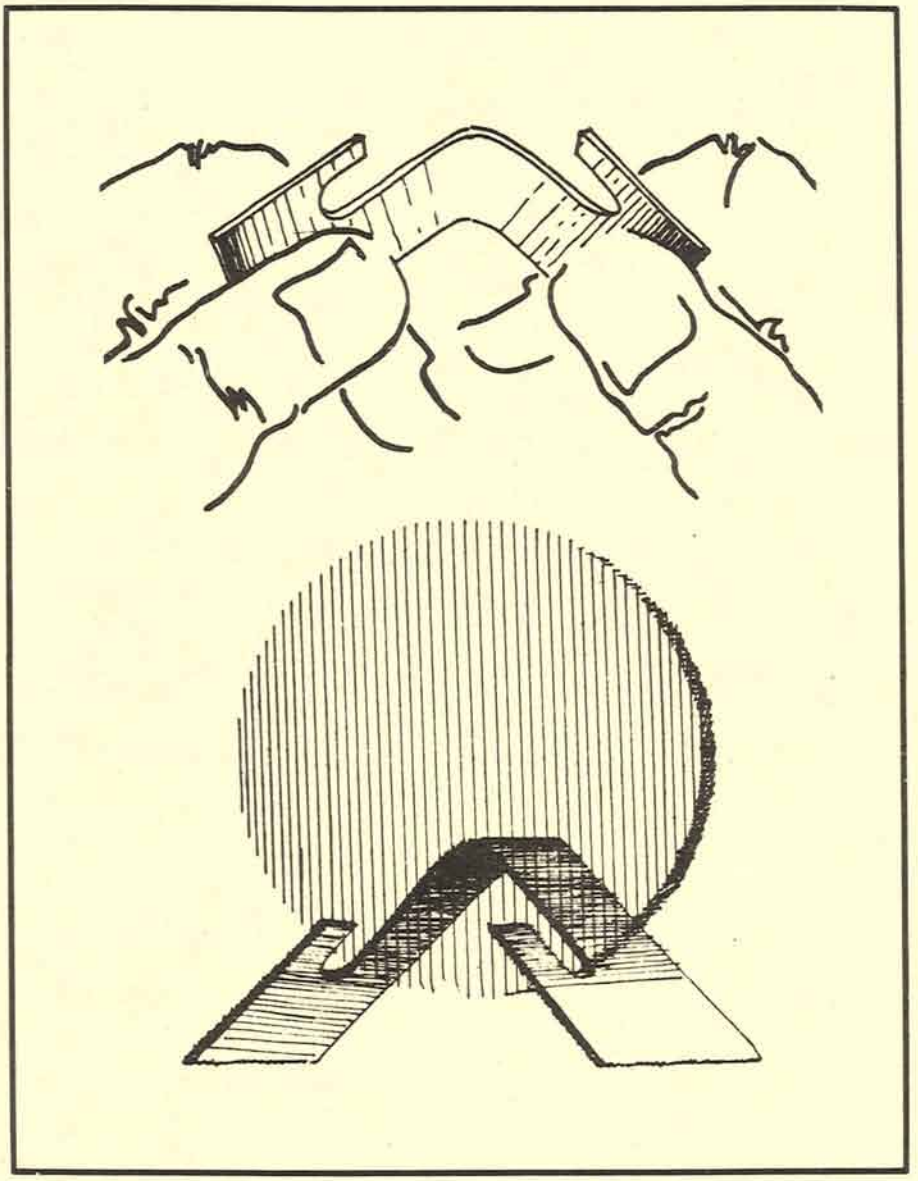
É bem certo que, de duas cadeiras igualmente robustas e duráveis será mais vendável a que for mais cómoda e, para o mesmo grau de comodidade, a que for mais bela. Ora é este conceito de beleza que começa a ser imprescindível no projecto e desenho de um número cada vez maior de objectos ou máquinas de uso corrente. O utilizador ou consumidor não exige apenas que o produto seja de boa qualidade; dirigirá as suas preferências também para o que for esteticamente mais válido. Num mercado competitivo como é o das sociedades de consumo a aparência e apresentação do produto contam imenso. Daí que o «designer» tenha uma palavra a



Camioneta (transporte colectivo) – «Design» de Carlos Mateus de Carvalho.

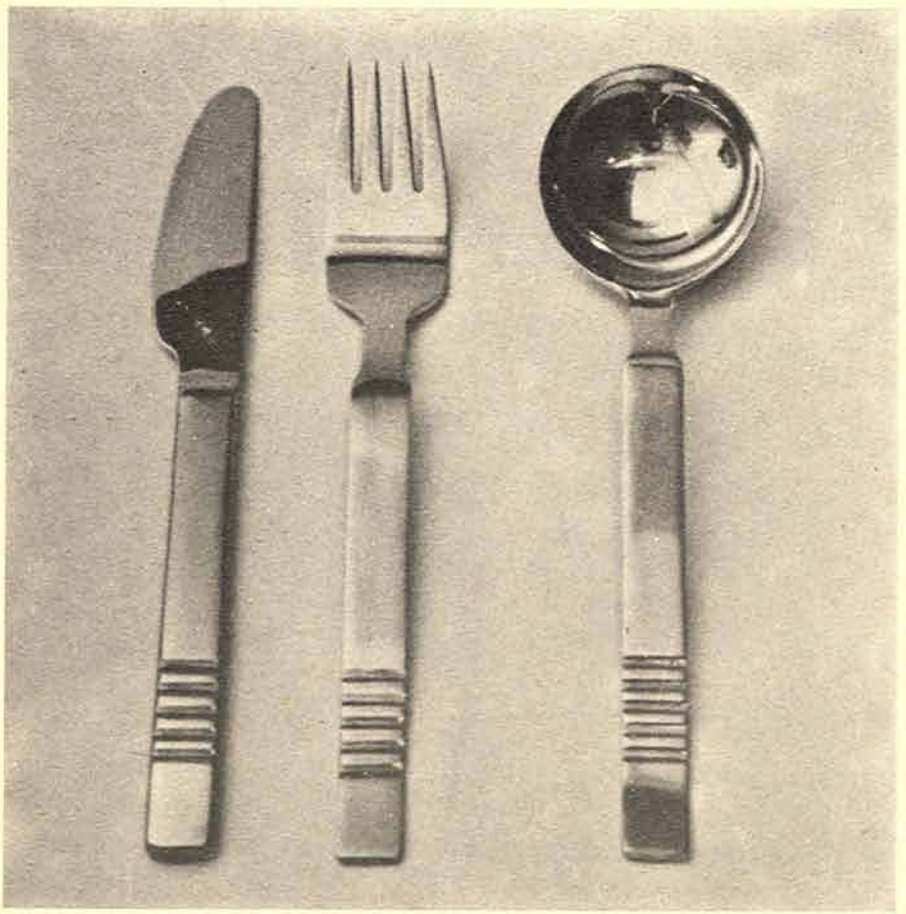


Candeeiro de praça pública e caixote de lixo público – «Design» de Francisco Espinho Vasco Massapina, José Barros Gomes, Carlos Galamba e Luiz Duran.



Suporte para medalhas – «Design» de José Manuel Aurélio.

dizer desde a caixa de fósforos ou embalagem de lâminas para a barba até ao desenho de um jardim ou recanto, passando por todos os produtos de fabrico em série. O objectivo do «design» não será criar obras de arte porque para isso lhe falta um certo cunho de singularidade e especificidade. A corrente estética que pretendeu democratizar a arte através dos «múltiplos» – objectos de arte feitos em série – não tem sido de grande vantagem para a arte em si. Não podemos, no entanto, duvidar de que cabe ao «designer» uma função insubstituível de educação. Essa educação do gosto é uma responsabilidade de que o cultor do «design» nunca deverá desmerecer. A luta entre as grandes empresas pelos mercados de exportação situa-se em boa parte nos cuidados que sob o aspecto «design» prodigalizam aos seus produtos. Ele faz hoje parte integrante da qualidade de qualquer artigo pois se não compreende divorciado da sua funcionalidade ou adequação e é a única garantia de sobrevivência numa sociedade competitiva como aquela em que vivemos. Isto é assim desde a cadeira em que nos sentamos à casa em que vivemos, desde o automóvel que usamos até ao local onde exercemos actividade, do fato que vestimos ao copo pelo qual bebemos. O «design» vem de longe, sem que no entanto alguém desse por isso. Mas quando um vidreiro fenício modelava o frasco que iria adornar o toucador de uma dama, ou quando um oleiro grego confeccionava um vaso votivo ou ainda um artista francês confeccionava o mobiliário para Luís XV estava a fazer certamente «design». Ninguém, no entanto, cuidava de valorizar, ou melhor, individualizar essa parte integrante da qualidade do produto. Hoje, o «design» ganhou foros de cidade e afirma-se como actividade específica cujo âmbito abrange domínios que vão desde as artes gráficas até à arquitectura e à decoração. O «design» não é como muitos possam ser levados a pensar um alindamento gratuito ou uma competição comercial do equipamento doméstico e isso porque não pode estar desligado da função e da finalidade desse equipamento; senão não é «design». Daí que ele seja também uma actividade «social» não restrita ao «designer» mas que compromete tanto as indústrias como os técnicos, os responsáveis políticos e o consumidor em geral. Quem idealiza um objecto ou peça, cria-o de acordo com uma finalidade que lhe é ditada pela necessidade de encontrar uma resposta para uma interrogação. O instrumento perfeito é o que responde cabalmente a essa necessidade, aquele cuja concepção é mais inteligente.



Faqueiro de mesa – «Design» de Eduardo Afonso Dias.

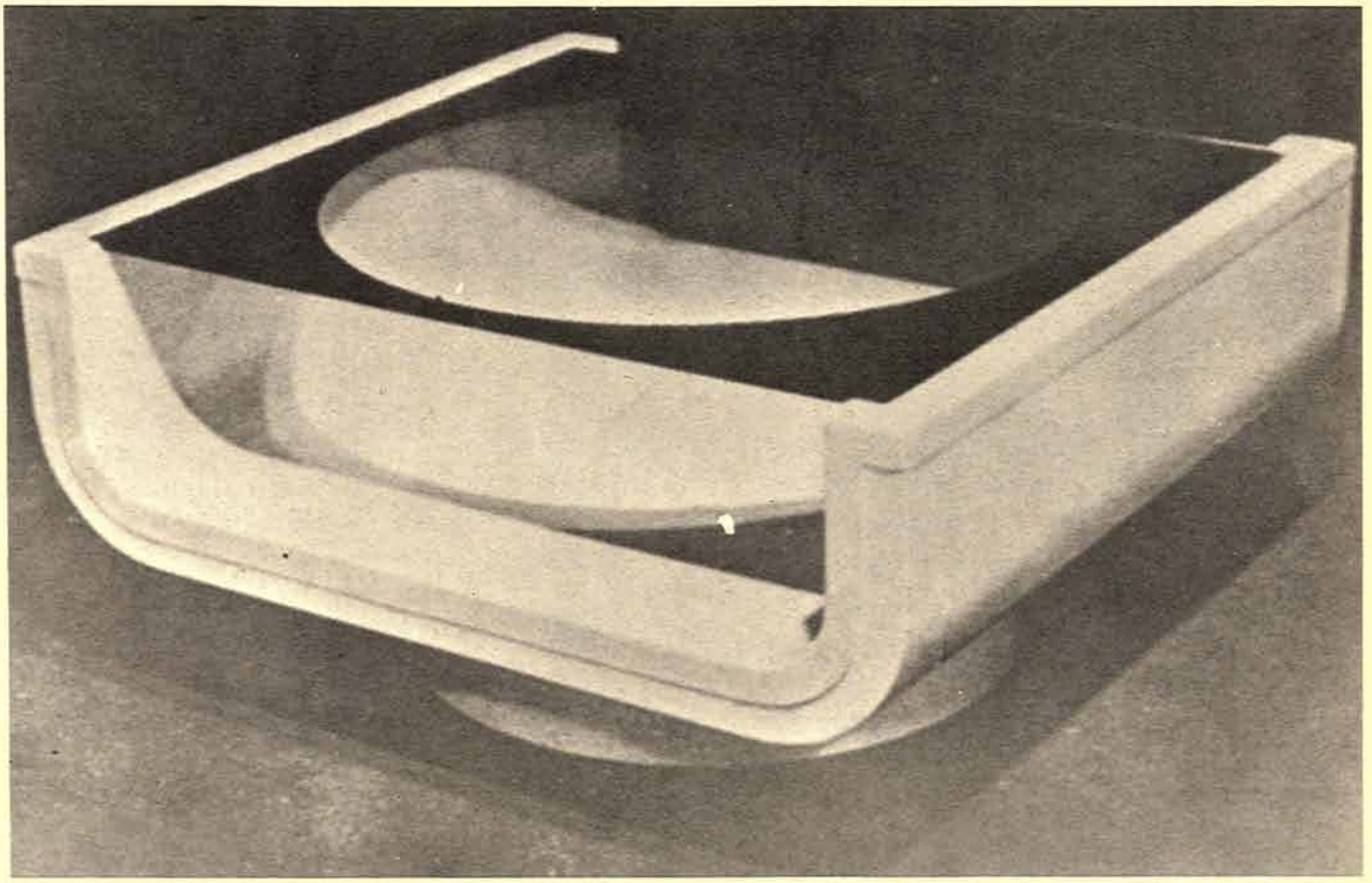
esta qualidade, poderá ser mais belo e atraente. São domínios em que a evolução não pára porque a nossa civilização se caracteriza por uma constante insatisfação e uma enorme capacidade de pôr interrogações. É através de uma e outra que tem lugar o progresso. Se o indivíduo se desse por satisfeito, consumiria tudo o que lhe oferecessem. O inconformismo do homem actual é sem dúvida grande motor do «design». O seu ensino começa a ser uma preocupação em certos centros docentes especializados. É através da profissionalização que se podem melhorar e valorizar as técnicas.

O «design» é ensinado, entre outros, nos seguintes estabelecimentos:

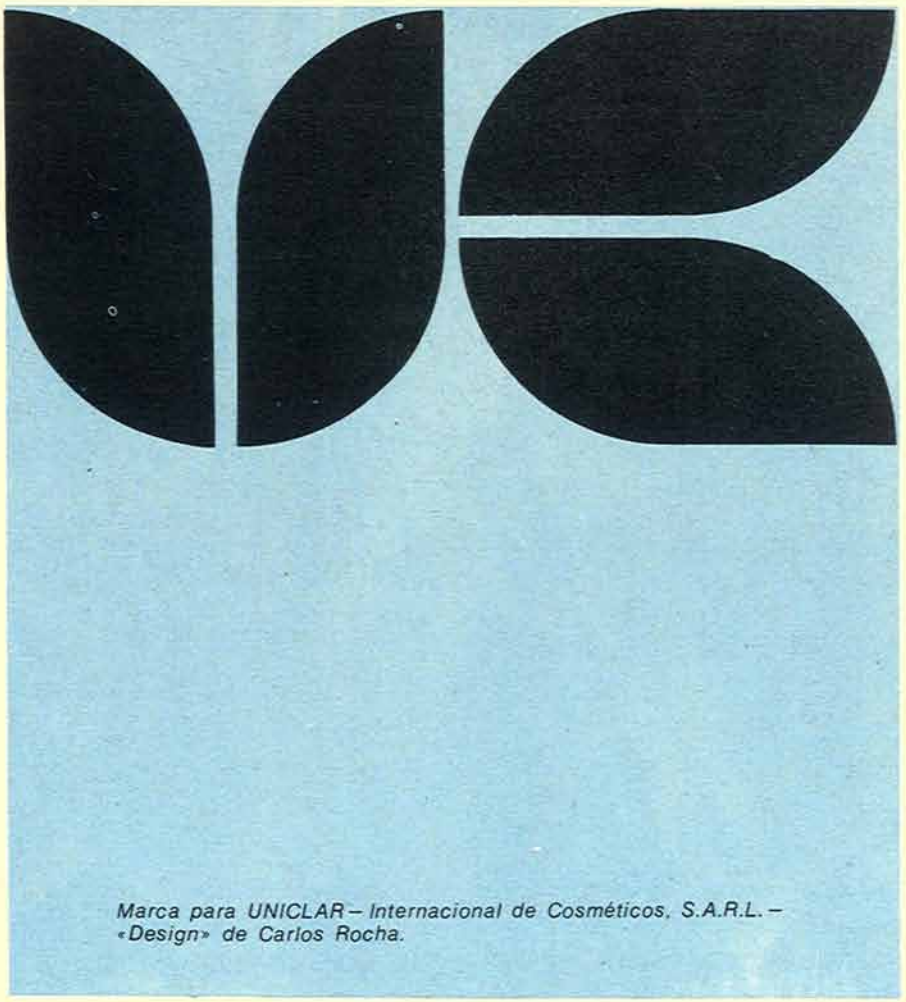
Serviço de mesa – «Design» de Maria Helena Matos.

Perfeição técnica e qualidade material são dois quesitos essenciais mas que hoje em dia não bastam. Dois objectos igualmente perfeitos sob estes pontos de vista podem ser diferentes e um melhor que o outro. Um deles poderá ser mais económico e, mesmo possuindo

– Sociedade Nacional de Belas-Artes, através do seu Curso de Formação Artística (CFA);
– Centro de Arte e Comunicação



Mesa (fibra de vidro com tampa de cristal) – «Design» de Artur Parrinha.



Marca para UNICLAR – Internacional de Cosméticos, S.A.R.L. – «Design» de Carlos Rocha.

Visual (ARCO);
– Instituto de Arte e Decoração (IADE);
– Centro Nacional de Embalagem (polarizado especificamente para o ramo de «design» que se prende com as técnicas de embalagem);
– Outros estabelecimentos de ensino que incluem o «design» em disciplinas de artes visuais, desenho, projecto, etc.

Vai ser através de um profissionalismo consciente que o «design» interferirá, mais cedo ou mais tarde, em todos os sectores da actividade humana, começando mesmo a actuar, de forma saudável, no meio ambiente através do «landscape design» – o «design» da paisagem. Ele virá ao encontro da procura ansiosa de um mundo onde se possa estar bem.

O. Lemos
Cap. frag.

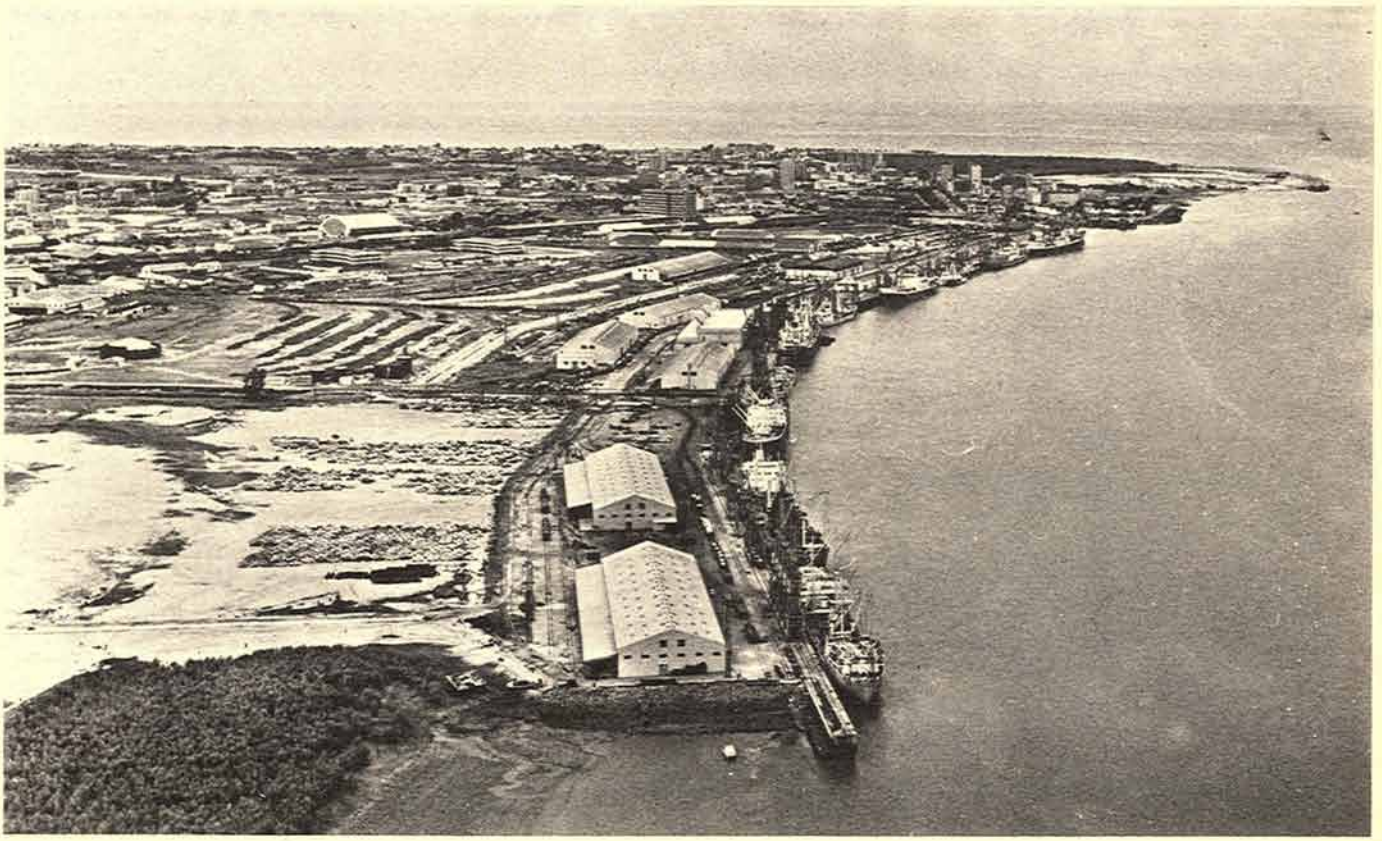
MOÇAMBIQUE
portos e transportes marítimos

Porto de Lourenço Marques. Cais Gorjão.

O território de Moçambique estende-se ao longo de cerca de 2300 quilómetros de costa marítima, interpondo-se entre o mar e os países estrangeiros do interior, e está dividido em regiões naturalmente definidas pelos vales dos grandes rios, constituindo áreas economicamente diferenciadas. Por esses motivos, e pela circunstância de ser a via marítima aquela que proporciona o tráfego mais barato para a mercadoria volumosa, com custos normais de cerca de um décimo dos correspondentes no tráfego terrestre, os portos assumem uma posição de particular destaque na vida económica de Moçambique, designadamente:

Como terminais de correntes de tráfego, servindo as regiões e países do interior das respectivas áreas de influência, numa função do mais significativo nível político-económico – portos de Lourenço Marques, Beira e Nacala;

Como portos de interesse para o fluxo interno de mercadorias, numa função individual de menor significado me-



Porto da Beira.

dido em valores absolutos mas de importância notável para a economia regional das áreas por eles servidas que, no seu conjunto, adquirem e assumem expressão relevante ao nível provincial – além dos portos principais atrás mencionados, referem-se Quelimane, Porto Amélia, António Enes, Ilha de Moçambique e Mocímboa da Praia.

Pelo volume do tráfego internacional que os atravessa, atingiram nível dominante:

LOURENÇO MARQUES – o porto de maior volume de tráfego anual, expresso em toneladas de carga, no conjunto nacional (cerca de 14 milhões de toneladas em 1971);

BEIRA – o segundo porto de Moçambique em números de tráfego anual, que, no entanto, andam por um terço dos de Lourenço Marques;

NACALA – que já ultrapassou o meio milhão de toneladas anuais e tende a um aumento acelerado, em especial desde que ficou directamente ligado à República do Malávi pelo caminho de ferro de Moçambique.

Tendo em atenção particular o fluxo do tráfego internacional originário dos países interiores e aos mesmos destinado, estão em constante desenvolvimento as estruturas e o apetrechamento dos portos principais, e atingiram uma fase adiantada os estudos para a construção dum terminal oceânico na costa a sul de Lourenço Marques (Ponta Dobela), para possibilitar o serviço de navios de grande tonelagem.

Pela importância já salientada do tráfego marítimo no fluxo interno de mercadorias e na economia das regiões servidas, existe e opera em Moçambique uma importante frota de cabotagem pertencente a cinco empresas armadoras, das quais uma trabalha no transporte de combustíveis líquidos a granel e as quatro restantes se dedicam ao tráfego geral.

Por si só, a cabotagem de Moçambique poderia ser objecto de longas apreciações, para além do âmbito deste resumo. Afigura-se apenas pertinente salientar aqui o interesse que as respectivas actividades estão a merecer das autoridades competentes, em face da inegável necessidade de ajustamento nos procedimentos dos serviços públicos envolvidos e de actualização das estruturas portuárias, no sentido de assegurarem o funcionamento eficiente, seguro e económico por todos desejado.

Para a finalidade particular da «Revista da Armada», importa salientar o papel que os Serviços Provinciais de Marinha desempenham neste contexto.

Na realidade, em nenhuma outra parcela do território nacional acontece, como em Moçambique, terem estes serviços a seu cargo, além das funções normais das autoridades marítimas e dos serviços de pilotagem, faróis e balizagem, a operação e manutenção de rebocadores, dragas e docas secas necessárias ao funcionamento geral dos portos e ao apoio à navegação mercante, com os complementos oficinais indispensáveis.

Daí resulta que, dotados de quadros técnicos insuficientes, os Serviços de Marinha de Moçambique e, em particular, o pessoal da Armada neles destacado em comissão, funcionam em regime de intensas e absorventes ocupações, com expressão dominante nas capitanias dos portos principais. O desgaste sofrido é severo, ainda que temperado por um sentido de utilidade clara e objectivamente definido. O poder de adaptação deste pessoal

Porto de Nacala.

a tarefas que, em grande parte, se estendem para além do domínio da sua preparação específica tem continuado a contribuir significativamente para o bom nome e prestígio da Armada, tradicionais nas terras do Ultramar onde, perante as dificuldades a vencer, se temperam as almas e se valorizam os homens.

Lopes Praça
Cap.-frag.

---

saibam todos

Que o Instituto Hidrográfico procedeu no 1.º trimestre de 1973 ao cálculo automático de várias tabelas para uma nova edição de «Tábuas Náuticas» e prosseguiu o estudo dos métodos de navegação pelos sistema «Omega» e por satélite, com vista à sua possível utilização futura.

Que na sua secção de «Marés» foi executada a previsão horária das marés para Leixões, para estudo da utilização do terminal petrolífero por navios tanques de 135 000 toneladas.

Que o nono cruzeiro do Programa de Apoio Científico às Pescas no Continente (CAPEC) teve a duração de 15 dias e que durante a sua execução foram percorridas 2567 milhas e ocupadas 116 estações oceanográficas cobrindo uma área de cerca de 90 000 quilómetros quadrados de águas costeiras adjacentes a cerca de 700 quilómetros de costa.

Que se encontra em distribuição a publicação n.º 5 do Instituto Hidrográfico, que apresenta os resultados preliminares dos cruzeiros oceano-

gráficos MALAC I a VII, levados a efeito os dois primeiros para apoio a estudos de malacologia nas costas do Algarve e os seguintes com vista à investigação aplicada à pesca do atum por meio de armações fixas no Sotavento algarvio.

Que tem vindo a ser ensaiada e aperfeiçoada uma técnica de análise para detectar as concentrações de hidrocarbonetos nas águas do mar; com vista à criação e desenvolvimento de técnicas específicas que permitam a caracterização e possível identificação de manchas de produtos petrolíferos no mar, foi mandado um técnico do Instituto Hidrográfico estagiar no Analytical Quality Control Laboratory, Analytical Research Center, da United States Environmental Protection Agency, Cincinnati, Ohio.

Que no Instituto de Biologia Marítima foi efectuada, pela primeira vez, a cultura artificial do camarão branco (Palaemon serratus) com resultados encorajadores.
Neste momento procura-se passar da fase laboratorial para ensaios de crescimento dos jovens camarões em tanque ao ar livre com vista ao estudo da cultura da espécie em escala semi-industrial.

Que no Aquário Vasco da Gama se iniciaram alguns trabalhos sobre doenças em peixes e seu tratamento e prosseguiram os estudos experimentais com vista à determinação das melhores condições de cultura, crescimento e manutenção de espécies em cativeiro.

INQUÉRITO

Para uma Revista como a nossa, cuja tiragem é de 10 000 exemplares mensais, não é fácil contentar a todos. Cada cabeça cada sentença...
Tentámos agradar e cumprir o melhor possível a tarefa a que com gosto nos dedicámos, procurando pela forma que nos pareceu menos má – e sempre com a preocupação de melhorar número após número – atingir os objectivos em vista.
A «Revista da Armada» tem uma existência de dois anos, o que não é muito, mas já o bastante para

ter (ou não!) marcado posição entre todos os seus leitores.

Por isso surgiu a ideia, misto de curiosidade e colheita de ensinamentos, de fazer um INQUÉRITO entre aqueles que nos lêem.

E assim, por vários locais e a diversas pessoas, lançámos a pergunta: «Francamente, o que pensa da Revista?»

Muitas respostas foram dadas, mas para que toda a Marinha saiba, aqui reproduzimos algumas, das mais significativas, pedindo desculpa de não serem citadas todas, por exaustivo que tal se tornaria:

«É mais um elo que liga a Corporação», da esposa de um oficial da Armada.

«A Revista é feita para as praças. Deveria ter praças no corpo redactorial», de um oficial da Armada.

«Pela sua apresentação e valor cultural é digna da Corporação da Armada», de um oficial da Força Aérea.

«Uma Revista especializada, mas que interessa a todos», de um civil.

«Revista com bom aspecto gráfico, cujo conteúdo necessita de mais artigos de carácter cultural, incluindo também mais passatempos», de um sargento do Exército.

«Revista moderna, clara e actualizada. Devia ser mais aberta à crítica e aos problemas de todo o pessoal da Marinha», de um sargento da Armada.

«Revista dos profissionais da Marinha com artigos e curiosidades de interesse geral e de agradável leitura», de um oficial do Exército.

«A "Revista da Armada" tem tal interesse que seria imperdoável se não existisse», de um civil.

«Apesar da sua curta vida a "Revista da Armada" já revelou as suas potencialidades de veículo de contacto utilíssimo entre todos os elementos da Marinha», de uma praça da Armada.

«Gosto tanto da "Revista da Armada" que a leio desde a primeira à última página», de um almirante da Reserva.

«Felicito a Redacção da "Revista da Armada", que é muito apreciada por toda a Marinha de Angola e considerada a melhor do género», de um oficial da Armada em serviço em Angola.

«Havendo já tanta revista, a Marinha conseguiu fazer uma diferente de todas as outras», de um oficial general da Força Aérea.

«Recebo muitas revistas nacionais e estrangeiras mas a "Revista da Armada" é a única que leio da primeira à última linha», de um almirante.

«Simples, acessível, atraente e simpática, nela se encontra, em dosagem equilibrada, um repositório da vida naval, um recordar de feitos e heróis, um vade-mécum de normas indispensáveis, uma informação sobre noções complementares, um conjunto de esclarecimentos úteis, uma pequena enciclopédia de leves conhecimentos de cultura geral, um pouco de recreio e certa dose de bom humor.

Cumpre o prometido na "Nota de Abertura" do número inaugural», de um civil.

«O que mais aprecio na "Revista da Armada" é a sua constante imparcialidade, traduzida no cumprimento total da linha de rumo que traçou sem desvios nem propagandas baratas», de um civil.

«Esta Revista traduz perfeitamente o brio e o gosto profissional que caracterizam todos os marinheiros», de um civil.

«A "Revista da Armada" é muito apreciada pelos funcionários do Q.P.C.M.M. porque nela tem acolhimento igual ao pessoal militar», de um funcionário do Q.P.C.M.M.

A. Chuquere
Cap.-frag.

N. R.: *Agradecemos muito sinceramente às pessoas que nos deram as suas opiniões e nos animam a prosseguir no rumo traçado. Apenas queremos esclarecer que a Revista não é só feita para praças, como diz um leitor, mas também para oficiais, sargentos e pessoal civil. O corpo redactorial está aberto a todos, é uma questão de oportunidade.*

notícias pessoais

CASAMENTOS

Cadete AN RN Carlos Manuel da Silva Serrano casou, em 24-1-73, com D. Maria de Fátima Pacheco Monteiro.

Cadete AN RN Manuel Antunes Pinto da Cruz casou, em 6-5-73, com D. Maria José Mendes Bernardo.

Sarg.-aj. A José da Costa Caldas casou, em 31-3-73, com D. Delfina de Ascenção Guilheiro.

1.º-sarg. CM RA José Gomes casou, em 3-3-73, com D. Maria do Rosário Franco.

2.º-sarg. FZ José Francisco de Saúde Maria casou, em 28-4-73, com D. Balbina Angélica.

435/64/C. L José Engrácio Léo Lopes casou, em 25-2-73, com D. Etelvina da Conceição Póvoa Garcia.

PASSAGENS À RESERVA

Vice-almirante Fernando Eduardo Pinto de Ornelas e Vasconcelos passou à Reserva Aa em 30-5-73.

Comodoro António Júlio Malheiro do Vale passou à Reserva Aa em 1-5-73.

1.º-ten. SG Manuel Mota Ferreira passou à Reserva Aa em 25-5-73.

Sarg.-aj. L Domingos Santana Carvalho passou à Reserva Aa em 12-5-73.

Sarg.-aj. FZM Joaquim Martinho Trindade passou à Reserva Aa em 5-3-73.

Sarg.-aj. ACM Amadeu Henriques Teixeira passou à Reserva Aa em 26-3-73.

1.º-sarg. A José Augusto passou à Reserva Aa em 28-4-73.

1.º-sarg. C Joaquim Leal passou à Reserva Aa em 14-3-73.

1.º-sarg. CM Manuel da Purificação Miranda passou à Reserva Aa em 16-5-73.

2473/C. CM Joaquim da Sila Torres passou à Reserva Aa em 24-4-73.

708/C. CM João Duarte Grave passou à Reserva Aa em 1-5-73.

APOSENTAÇÕES

Foram aposentados em 31-5-73:

Manuel José, técnico auxiliar do Q.P.C.M.M.

Salustiano Mascarenhas, operário especial do Q.P.C.M.M.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. AN RA Tomaz da Cunha Rodrigues Cancela faleceu em 13-5-73.

1.º-ten. RF Francisco Fernando da Costa Carvalho faleceu em 5-5-73.

1.º-ten. SG RF Silvestre Gomes Peres faleceu em 19-5-73.

925/C. C Plácido de Jesus faleceu em 10-5-73.

5355/C. L António Luís de Almeida dos Santos faleceu em 21-5-73.

1992/C. S RA Manuel Augusto Rebelo faleceu em 16-4-73.

3783/Mar. FZ Carlos Alberto dos Santos Marques faleceu em 30-4-73.

2909/70/1.º-gr. FZ Joaquim Pinto Moreira faleceu em 13-5-73.

revista da ARMADA

ESCLARECIMENTO

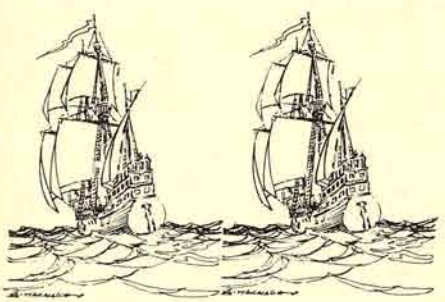
Têm vindo à Secretaria várias ordenanças de unidades no intuito de pagar a assinatura da «Revista de Marinha» confundindo-a com a «Revista da Armada». Esclarece-se que a «Revista da Armada» é uma publicação oficial do Ministério da Marinha, sendo a sua distribuição gratuita aos serviços e às unidades.

voz da abita

De António dos Santos Várzeas, cabo O, em serviço no N. R. P. «Lajes», recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Bordo, 13/5/73.
«Caros Senhores e Amigos:
«Em nome da rapaziada que no draga-minas «Lajes» cumpre o seu serviço militar na Armada, quero por este meio felicitar todos quantos trabalham na Revista de «todos nós».
«(...) além de ser uma Revista que publica vários passatempos, consideramo-la também uma excelente revista, que, aliás, colecciono desde o número um.
«Só tive pena que, tendo-me casado em Outubro passado, o meu matrimónio não tenha vindo na lista que é publicada todos os números. Enfim, paciência.
«Quero ainda responder ao concurso n.º 20, pelo que envio a respectiva resposta no verso desta carta: assim como envio também um poema que espero seja por vós apreciado.
«Sem mais maçada, com os meus cordiais cumprimentos.»

N. R. *O poema recebido será apreciado pela Comissão de Redacção e publicado se for caso disso. Quanto ao facto de o casamento não ter sido publicado nas «Notícias Pessoais», como deve compreender, é impossível dar notícia de todos os matrimónios realizados, a não ser que a nossa Revista fosse um extracto das OP1 e OP2. No caso da publicação de notícias pessoais, são tirados alguns nomes, ao acaso, de todos os postos e graduações, das relações que tão tardiamente chegam à nossa Redacção.*



De Domingos da Conceição Capelinha, cabo M, em comissão nos Serviços de Marinha de Cabo Verde, com a resposta ao concurso n.º 19 recebemos uma carta, que transcrevemos:

«S. Vicente, 2/5/73.
«Ao ler a nossa simpática Revista, como aliás venho fazendo desde os primeiros números, quero desta vez também tomar parte nos concursos do «Quarto de Folga» – neste caso o n.º 19 –, embora receoso que a resposta entre fora do prazo determinado. De qualquer maneira envio a minha resposta.
«Enviando a todos os componentes da Redacção da nossa Revista um respeitoso e cordial abraço (...).»

N. R. *Os prazos de resposta aos nossos concursos são bastante dilatados, de forma a permitir que o pessoal em serviço no Ultramar e no estrangeiro possa concorrer. No caso presente, o prazo de entrega de respostas ao concurso n.º 19 terminou no dia 31 de Maio, data da revisão das segundas provas do n.º 21 da nossa Revista.*

De António T. B. Caldeira, 1.º-gr. FZ, em serviço na Companhia n.º 8 de Fuzileiros, na Guiné, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Bissau, 23/5/73.
«Os meus cumprimentos.
«É sempre com imensa satisfação que leio a «Revista da Armada» e já por várias vezes tenho pensado responder aos concursos mas nunca calhou. Porém, como foi precisamente hoje que a Revista chegou às minhas mãos, resolvi fazê-lo.
«A resposta ao concurso n.º 20 é esta: «O navio terá de estar no pólo norte para que possa navegar as 100, 50 e 100 milhas respectivamente para sul, leste e norte e ir ter ao ponto da largada.»
«Aproveito a oportunidade para desejar a todos quantos trabalham na Revista as maiores felicidades.
«Nada mais por hoje e espero ter acertado. Reitero os meus cumprimentos a todos vós e subscrevo-me respeitosamente.»

N. R.: *A resposta ao concurso, lá estar certa, está! Agora só necessita do factor sorte, dado que há outras respostas certas.*

SER MARUJO PORTUGUÊS

Raul Coentro

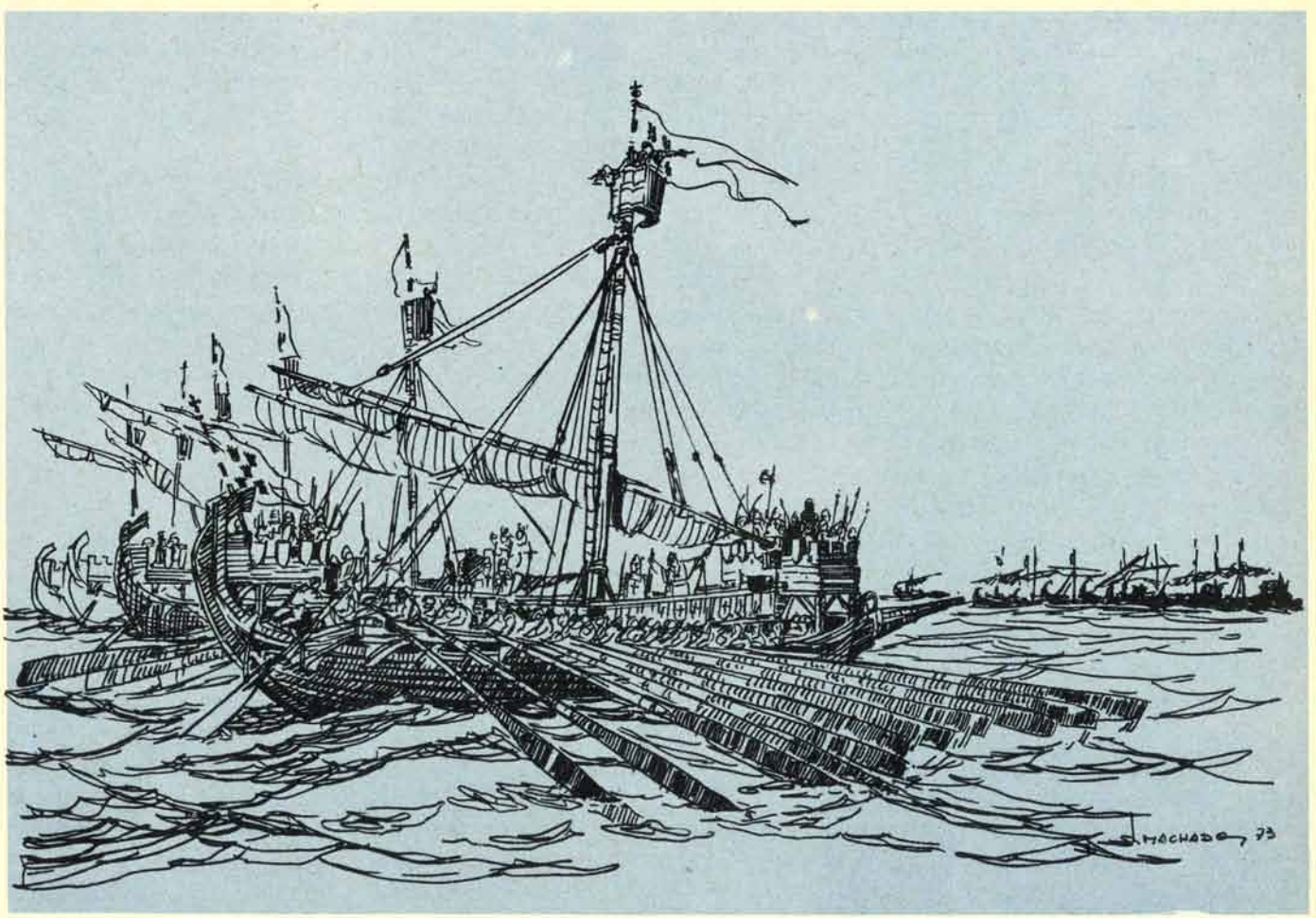
Amigo: ser marujo português
É ter, no Oceano, privilégios;
É sorver seus encantos, sortilégios;
É escutar o conto: «Era uma vez...»!

É andarmos no Mar onde se fez
A História que estudámos nos colégios!
É grato relembrar avós egrégios;
Ter no peito a Nação, com altivez!

Queres ser marinheiro? Pois, então, vai...
Mas que nunca, ante o Mar, teu corpo trema,
Que nunca a tua boca solte um ai!

Não verás temporal que a alma trema
Se sempre recordares: «A PÁTRIA HONRAI
QUE A PÁTRIA VOS CONTEMPLA», o teu lema!...

DIA DA M



O dia 8 de Julho, aniversário da partida de Vasco da Gama para a Índia, foi designado por disposição legal como DIA DA MARINHA. A Armada, como as marinhas mercantes, de pesca e de recreio, aproveitam a efeméride para celebrarem do modo que lhes seja mais adequado as vivências próprias, os anseios, as realizações, quantos até, apenas um dia festivo de solenidade e de respeito. Embandeiramento de gala, cerimónias religiosas, palestras, regatas, ramos de flores, evocações, rancho melhorado e sessões solenes, tudo caberá na celebração do dia. A «Revista da Armada», acrescentando às festividades da circunstância a celebração própria do seu aniversário natalício, irmana-se com o espírito de todos e vem contribuir, também, na sua função divulgadora, com a história dum feito naval ocorrido igualmente em Julho, não garantidamente no dia 8, mas próximo, com certeza.

Recuemos quase 300 anos daquela romaria desde a ermida de Belém à praia do Restelo, onde o Gama se embarcou. Primeiros anos duma pátria nova, força de braço e de espada para defesa da independência arrancada por acto de rebeldia, diplomacia e geito para obter apoios onde convinha, valentia e determinação para alargamento de domínios, pequenos para alma tão grande. Irmãos de crença cristã mal convencidos ainda da independência proclamada do reino Portucalense trinta e poucos anos atrás, iam assistindo como o território diminuto dum condado à volta do rio Douro já se estendia ao Tejo e para além dele, à custa de empurrar para as suas origens

ARINHA

africanas os fiéis sectários de Maomé. As forças navais, ao tempo, não possuíam diferenciação notável das terrestres, salvo na plataforma flutuante a que reduziam o seu campo de batalha. Os navios essencialmente militares – se tanto podemos dizer – eram as delgadas e compridas galés, terminando em esporão, trinta remos por cada bordo, servidos por quatro a seis homens cada, remando a compasso de tambores, amarrados aos bancos por correntes de ferro, o chicote do chefe pronto a estimular qualquer humano esmorecimento.

Um ou dois mastros armavam uma vela e dois fortins acastelados, um à proa outro à popa, serviam de resguardo ao pessoal combatente. As armas eram de arremesso: balistas, dardos e setas; panelas de cal em pó, para cegar o adversário; vasilhas com gorduras, para derramar e tornar escorregadio o pavimento do navio atacado.

Uma arma terrível, incendiária, mistura de salitre, carvão e enxofre, arremessada em panelas frágeis de barro, tinha o seu quê de secreto. Mas era, depois, a arma branca, o punhal, a espada, o cutelo, a lança, que decidia em definitivo do combate, quase sempre com pesadas baixas.

Figura envolta em certa neblina lendária, Fuas Roupinho terá sido o almirante das galés reais do nosso primeiro monarca. A marinha da gente lusitana nascia então. Nas décadas antecedentes, o mouro infestara as zonas costeiras disseminando a inquietação e o medo de tal sorte que nenhuma povoação da beira-mar tinha vingado, excepto o Porto, mesmo este mais duma vez assaltado e saqueado. Lisboa, com o seu estuário magnífico, fora a base de operações de todas as esquadras muçulmanas que dominavam de Ceuta ao Cantábrico. Mas quatro meses de assédio, de Junho a Outubro de 1147, por terra e por mar, aqui com a ajuda das frotas de Cruzados, acabaram por vencer a poderosa cidade, que se rendeu. Nos despojos, grande número de navios arriaram as bandeiras do crescente para içarem a cruz azul de D. Afonso; e a marinha portuguesa aumentou, assim, as suas unidades.

Mas o mouro, recolhido em Ceuta, não deixava de importunar os caminhos de acesso a Lisboa, pondo em desassossego e risco permanente a navegação de comércio que escalava a cidade. Julho de 1180: D. Fuas Roupinho surpreende no estuário do Sado nove galés muçulmanas e dá-lhes combate. As galés portuguesas formam na aconselhada linha cerrada de ataque, os remos de uma galé quase tocando nos remos das galés vizinhas, os soldados dos castelos de vante prontos a desferir as primeiras armas de ataque, os croques de abordagem e as correntes prontas a segurar bem os navios inimigos. A peleja foi dura. Mas o almirante português venceu. Prestes voltou ao Tejo com os despojos da vitória, dos quais os não menos apreciados seriam as nove galés aprisionadas. Diz a história que com isso houve el-rei muito grande prazer e os da cidade muito grande alegria. Assim se regista um feito, por ventura o primeiro feito notável da marinha que, em poucos anos, iria percorrer milhares de léguas de costas e câminhos desconhecidos, afirmando-se como precursora e realizadora de um dos maiores contributos para a civilização humana: o conhecimento do Mundo que habitamos.

Sousa Machado
Cap.-m.-g.

filatelia

O DIA DA MARINHA E A FILATELIA

Em alguns países, que comemoram o seu Dia da Marinha, aparecem anualmente selos dedicados ao acontecimento que põem em evidência a evolução naval e as suas tradições marinheiras.

Estão neste caso, entre outros, o Brasil e a Argentina, que emitiram os selos que acompanham este apontamento.

Os filatelistas acolhem com simpatia e interesse o assunto, que alguns já não dispensam, pois ele encerra algo de transcendente no aspecto artístico, histórico e cultural de um povo.

Ora, tendo a Armada portuguesa o seu Dia da Marinha, anualmente festejado em data fixa, e, considerando os nobres feitos e as gloriosas tradições que ela representa e ainda a influência extraordinária que teve, particularmente a partir do século XV na própria civilização europeia, somos de opinião que ninguém com mais direito próprio do que ela merecia a alta consagração que as emissões de selos sempre traduzem e significam.

Daí pensarmos ser absolutamente necessário que as entidades competentes dediquem ao assunto a merecida atenção com a certeza de que servindo a Armada servem Portugal, e de que os selos podem e devem prestar inestimáveis serviços não só às causas justas, histórias e tradicionais mas também aos povos que deles se servem e os coleccionam.

A I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA ARMADA

Digna-se Sua Excelência o Presidente da República inaugurar solenemente no próximo dia 25 de Julho a I Exposição Filatélica da Armada, que, integrada nas habituais cerimónias comemorativas do Dia da Marinha, ficará patente ao público até ao dia 31 num dos salões do Palácio Foz. Distinguem a meritória iniciativa, constituindo a sua Comissão de Honra, os senhores ministros da Marinha, do Ultramar e das Comunicações, secretário de Estado da Informação e Turismo, chefe do Estado-Maior da Armada, presidentes da Federação Portuguesa de Filatelia e da Comissão Organizadora das Comemorações do Dia da Marinha e o director da «Revista da Armada».

O júri, que se encarregará de apreciar e classificar os trabalhos apresentados, é constituído pelos consagrados filatelistas senhores coronel Carlos Roma Machado Cardoso Salgado, drs. Romano Caldeira Câmara e Aníbal Alçada de Paiva, Abílio Joaquim Sousa e Silva e Mário do Rosário Castanheira Nunes.

Somam 109 os quadros expostos pelos vinte e quatro coleccionadores inscritos. Assim, está de parabéns a Marinha, e muito em especial estes nossos filatelistas, por esta esplêndida oportunidade de expor o produto do seu entretenimento e labor, conjugados numa forma de comunicação e fonte permanente de conhecimentos, agora mostrada em mais de mil e seiscentas folhas, onde a harmonia, a arte e a beleza se associam e completam, num magnífico conjunto de maravilhosas perspectivas.

Como já foi anunciado, funcionará no local um posto dos CTT a fim de obliterar com carimbo comemorativo do acontecimento toda a correspondência para o efeito ali apresentada, estando ainda à venda um sobrescrito alusivo à efeméride e sendo distribuido um catálogo da Exposição.

N. R.: *O adiamento da data da Exposição, de 9 para 25 de Julho, é devido aos estragos causados no edifício do Palácio Foz pelo tornado de 4 de Maio p. p.*

G. Brandão
2.º-ten. SG

OS PESCADORES DA NAZARÉ E A SUA DEVOÇÃO POR NOSSA SENHORA DOS AFLITOS

Fugindo à situação dramática da Revolução e consequente perseguição à nobreza, refugiaram-se em Portugal, entre 1789 e 1793, duas senhoras francesas que se fixaram na Nazaré.

Junto ao mar e no local onde hoje existe o edifício da Capitania, mandaram construir uma moradia com rés-do-chão e 1.º andar. Foi a primeira habitação construída em alvenaria nesta vila.

No 1.º andar estava instalada a residência, à qual se tinha acesso por grandiosa escadaria. No rés-do-chão ficavam as cocheiras.

Por volta de 1807, quando da primeira invasão francesa, sentindo-se inseguras e receando perseguições, estas senhoras resolveram ir viver para Lisboa, onde mais facilmente passariam despercebidas.

Admite-se que venderam então a moradia a uma família de apelido Pinheiro, pois, anos mais tarde, ela aparece como propriedade do lavrador José Pinheiro, residente em Gaeiras, Óbidos. Homem bondoso e grande amigo dos pescadores, passava grande parte do tempo na Nazaré, onde acompanhava de perto a sua dura vida. Muitas vezes presenciou situações aflitivas e cenas dramáticas, vivendo-as intensamente.

Assim, atribui-se-lhe a ideia de mandar construir uma pequena capela junto à moradia, onde colocou uma imagem de Nossa Senhora, a que chamou Senhora dos Aflitos.

Começou, então, a ser costume entre a gente do mar dirigir-se à capelinha, rezando e pedindo auxílio, sempre que qualquer embarcação estava em perigo ou corria riscos de naufragar.

Este costume enraizou-se na alma dos nazarenos e mantem-se hoje tão vivo como era então.

No ano de 1899, o lavrador José Pinheiro, por motivos que se desconhecem, resolveu vender a moradia ao Real Instituto de Socorros a Náufragos, parece que por preço simbólico, com a condição de este manter a referida capelinha.

O Instituto mandou demolir o imóvel primitivo, e aproximadamente no ano de 1902 iniciou a construção do actual edifício da Capitania, no qual ficou incorporada a Estação de Socorros e Náufragos bem como a capela. Durante a construção, que terminou em 1906, esteve a imagem à guarda de devotos, em casas particulares, voltando ao seu altar na nova capela.

Atribui-se-lhe vários milagres, e conta um velho pescador de nome José da Beca que o maior de que se lembra ocorreu em 1925, em dia que não pode precisar. Recorda-se que uma barca com o nome de «Virgem da Nazaré», com 18 homens a bordo e governada pelo arrais

A imagem da Nossa Senhora dos Aflitos.

abrigo. Na tarde desse dia, pela força do vento de oeste, as condições da rebentação pioravam de momento a momento. Depois de muito tempo à espera duma sota e de fazer várias tentativas para chegar a terra, todas elas infrutíferas, ficou a população em alvoroço na iminência de um naufrágio, uns gritando de angústia junto ao mar outros rezando na Capelinha de Nossa Senhora dos Aflitos. A dada altura, e num instante, aproveitando o mar que momentaneamente amainou, o que parecia impossível, conseguiu chegar a terra incólume e com os tripulantes sãos e salvos.

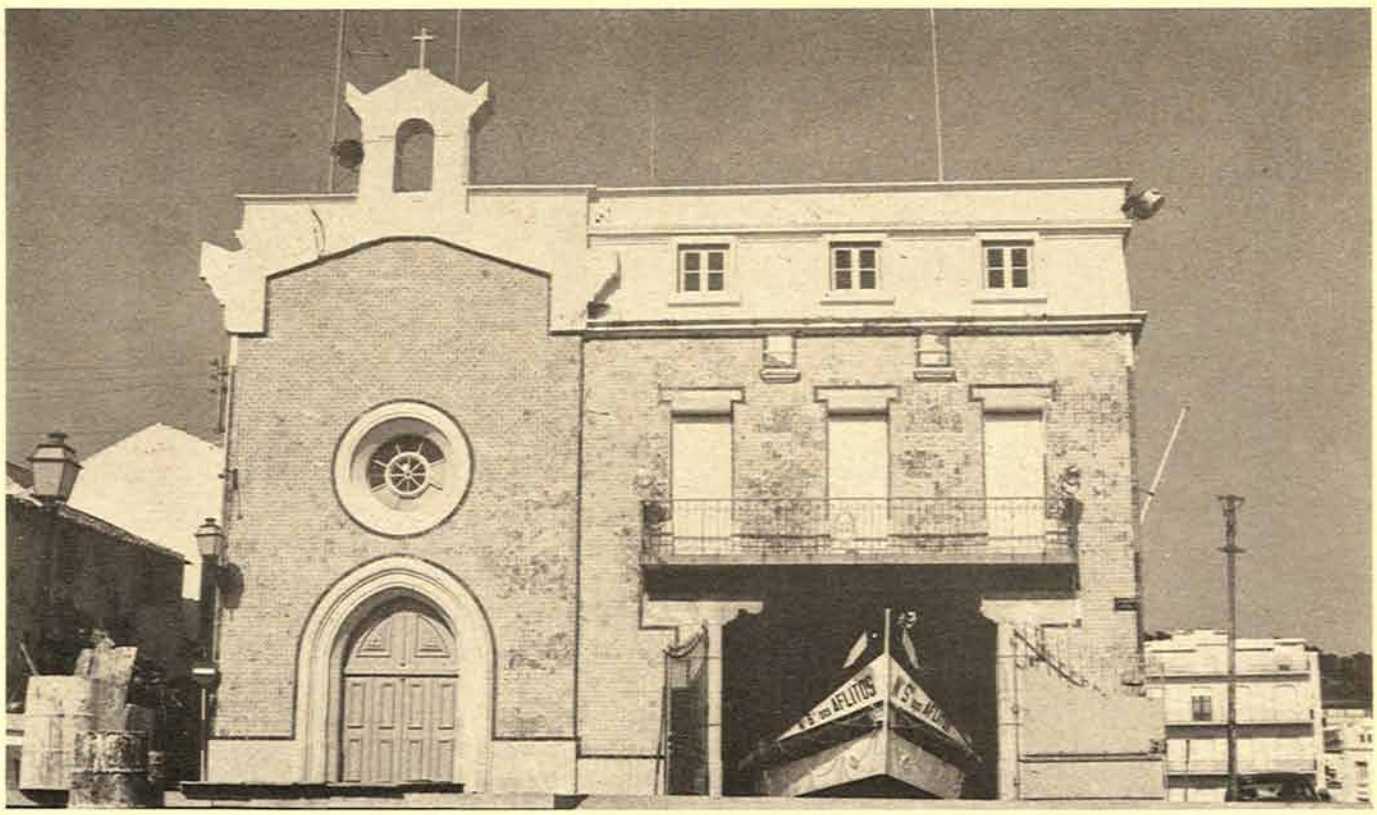
O povo gritava: «Milagre da Santa, Milagre da Santa!» Os pescadores levaram o arrais aos ombros à presença da imagem, fazendo-o em seguida percorrer as principais ruas da vila, tendo havido grande festa.

Na enseada da Nazaré, desde 1899 até 1954, tem-se conhecimento de 52 naufrágios (1), tendo-se salvo 479 pessoas e perecido 90. Desde esta última data não se registou, felizmente, mais nenhum.

E se querem saber da devoção dos pescadores da Nazaré pela sua Senhora dos Aflitos é ver como Ela é prendada e fica rodeada de velas acesas a seguir a qualquer aflição...

(1) Os barcos naufragados foram: 1 palhabote, 3 traineiras, 17 barcas, 9 batéis, 17 barcos de xávega, 2 barcos de armação, 1 vapor e 2 lanchas (uma a motor).

Capitania da Nazaré, com capela e hangar do salva-vidas do I.S.N.



Manuel Polaco Limpinho, se atrasou na faina da pesca. A costa aberta da enseada e a frequente e forte rebentação foram e são ainda o maior perigo para as embarcações que demandam terra, por não existir porto de

J. Carvalheira
Cap.-ten.

2 TÍTULOS PARA OS JUDOCAS DA MARINHA NOS CAMPEONATOS DAS FORÇAS ARMADAS

De pé, da esquerda para a direita: Machado, Américo, Aníbal, Fonseca, Maia, Veiga, Gomes e Armando. De joelhos: Homero, Valdemar, Oliveira, Silva, Afonso e Santos.

JUDO

Realizou-se no passado dia 28 de Abril o Campeonato de Judo das Forças Armadas, que decorreu na Academia Militar, em Gomes Freire, e no qual tomaram parte 33 judocas (Armada: 9; Exército: 8; Força Aérea: 8; P.S.P.: 8).

A organização técnica foi confiada à Direcção do Serviço de Educação Física da Armada, tendo as provas decorrido no melhor ambiente desportivo e de camaradagem.

Resultados:

Leves:

1.º – José Gomes (Mar.)
2.º – Mário Conceição (F.A.)
3.º – Albano Veiga (Mar.)
3.º – Carlos Cruz (Exérc.)

Meios médios:

1.º – João Conceição (F.A.)
2.º – José Machado (Mar.)
3.º – Casimiro Garrido (Exérc.)
3.º – Alberto Melo (F.A.)

Médios:

1.º – Cabrita Matias (F.A.)
2.º – João Margarido (F.A.)
3.º – Oliveira Maia (Mar.)
3.º – Armando Duarte (Mar.)

Meios pesados:
1.º – Fonseca (Mar.)
2.º – Baptista (F.A.)
3.º – Luís Santos (F.A.)
3.º – Américo Ferreira (Mar.)

Absolutos:
1.º – Cabrita Matias (F.A.)
2.º – Aníbal (Mar.)
3.º – Fonseca (Mar.)
3.º – Baptista (F.A.)

TIRO

Realizou-se em 12 e 13 de Maio o IV Campeonato Nacional Militar de Tiro das Forças Armadas, no Campo de Tiro da Serra da Carregueira, com a participação de 45 atiradores. A Armada esteve representada, tendo averbado uma vitória em Pistola de Precisão, através do 1.º-sarg. Madail com 283 pontos.

Efectuou-se nos dias 10 e 11 de Abril, na carreira de tiro do C.E.F.A., o Campeonato de Tiro da Armada com os seguintes resultados:

	Precisão	Veloc.	Total
1.º – Mendes Fernandes (Esc. Fuz.)	269	277	546
2.º – Marques Madail (Esc. Fuz.)	267	266	533
3.º – Trigo Allen («S. Xavier»)	256	259	515
4.º – Alvarenga Rua (G. 2 E.A.)	270	200	470
5.º – Lopes Antão (Esc. Naval)	248	215	463

Este ano, tal como nos anteriores, apenas se disputaram as provas de pistola, por não haver uma carreira de tiro adequada ao tiro de espingarda. Espera-se que este problema esteja solucionado para o ano de 1974, dando assim satisfação aos valores de que a Armada dispõe e que foram recentemente revelados quando do Concurso de Tiro de Lisboa, em Novembro de 1972.

ANDEBOL

Disputou-se durante o mês de Maio o Campeonato de Andebol da Armada, nas instalações do C.E.F.A., com a participação de cinco equipas.
Classificação final:
1.º – Escola Naval
2.º – Grupo n.º 1 de Escolas da Armada
3.º – C. E. Física da Armada B
4.º – C. E. Física da Armada A
5.º – Esquadrilha de Submarinos

A vitória assenta bem à Escola Naval, que contou por vitórias os jogos disputados, uma vez que desde o início se mostrou a equipa com mais fio de jogo, melhor técnica e maior resistência.

ACTIVIDADES DO C. N. O. C. A.

No passado domingo 13 de Maio, o C.N.O.C.A. organizou com a colaboração da A.N.L. uma regata para iates de cruzeiro, com o fim de assinalar a entrada em competição dos seus novos iates «Vega» e «Xixão».
Concorreram 15 embarcações que efectuaram o percurso Caxias – Cabo Espichel – Cascais.
O «Xixão» classificou-se em 4.º lugar, com 6 h 53 m 48 s, e o «Vega» em 5.º lugar, com 6 h 57 m 51 s, ambos no grupo A.

Jorge Fonseca
Aspirante

CURIOSIDADES

POR QUE RAZÃO AS SALVAS DE ARTILHARIA SÃO DE VINTE E UM TIROS

É um facto realmente singular este de, em quase todos os países do Mundo, quando se fazem salvas de artilharia, se dispararem vinte e um tiros, ou cento e um, mas nunca vinte ou cem. A origem deste curioso costume, pouco conhecido, é a seguinte:

Foi em Augsburgo, no tempo de um imperador que, segundo os dados mais fidedignos, deve ter sido Carlos V. As autoridades da cidade tinham decidido que se disparassem cem tiros de canhão; mas o oficial que comandava a força de artilharia era um pouco distraído, e não estando bem certo do número de descargas que se tinham feito, acrescentou mais uma.
Uma cidade vizinha, sabendo do caso, quando lhe coube a vez de receber o monarca, deu o mesmo número de tiros. Deste modo, e simplesmente por orgulho local, a tradição passou de cidade em cidade, e, convertida em costume, não tardou a ser imitada por todas as nações.

(Do «Almanaque de Lourenço Marques», de 1961).

reportagem

O AFUNDAMENTO DO NAVIO «O ARBIRU»

O navio de cabotagem «O Arbiru», propriedade do Governo da Província de Timor, afundou-se na manhã do dia 29 de Abril p.p. no Mar das Flores, quando navegava de Dili para Banguecoque. O naufrágio foi devido a um tornado que levantou ondas alterosas que voltaram o navio.

Construído em 1962, deslocava 485 tons. e tinha 19 homens de tripulação. A bordo seguiam 5 passageiros, 1 homem e 4 senhoras. Com excepção do maquinista Paulo do Rosário, que se aguentou 8 horas no mar agarrado a uma tábua até ser recolhido por uma embarcação da Indonésia, todos os outros pereceram no acidente.

Alguns dos nossos jornais estabeleceram lamentável confusão a respeito do nome do navio, deturpando-o. Por isso, julgamos oportuno prestar alguns esclarecimentos.

O Arbiru foi o nome dado pelos timorenses ao alferes do exército Francisco Duarte, nascido na aldeia de Monsanto, Alcanena, no ano de 1862 e grande herói da guerra da pacificação de Timor, nos anos de 1893 e 1899 sob o comando do governador-geral Celestino da Silva.

Em dialeto «teto» o arbiru significa o homem que tudo vence, que nunca descansa, homem «Iru» (sagrado e invencível). É um nome que ainda hoje corre em Timor como uma lenda, tal a admiração e o respeito em que sempre foi tido por todos – amigos e inimigos.

O Arbiru morreu como um valente que era, quando à frente das suas forças atacava uma forte posição rebelde nas célebres Pedras de Bui Cari. Tinha 36 anos e possuia já as mais altas condecorações militares incluindo a da mui nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Por tudo quanto fez pela Pátria em Timor, o célebre O Arbiru bem merece ser mais conhecido por todos os portugueses...

N. R. – Entre os 23 desaparecidos no naufrágio, contam-se os seguintes elementos da Armada ou a ela ligados: Comandante do navio – ex-sargento da armada José da Rocha Dores; 1.º-sargento ACM Mário Marques Freire – chefe de máquinas do navio, em serviço na Repartição Provincial dos Serviços de Marinha; D. Maria Teresa Santana Carlos Pacheco de Medeiros, esposa do capitão-tenente Pacheco de Medeiros, chefe da Repartição dos serviços de Marinha de Timor. A «Revista da Armada» lamenta profundamente o sucedido e apresenta às famílias enlutadas sentidas condolências.

O CURSO DE ALISTAMENTO DE 1933 CELEBRA O SEU QUADRAGÉSIMO ANIVERSÁRIO

No primeiro domingo de Maio reuniu-se pela 18.ª vez num almoço de confraternização o Curso de Marinheiros da Armada de 1933 que assim festejou o quadragésimo aniversário da sua incorporação.

Do programa da comemoração constou a celebração de missa na capela do Colégio do Bom Suces-

so em memória dos camaradas já falecidos; oficiou o capelão-chefe da Armada Padre Ferreira de Melo tendo a cerimónia litúrgica sido acompanhada musicalmente por um quinteto formado por elementos do curso pertencentes a agrupamentos sinfónicos. Efectuou-se depois uma romagem ao túmulo do almirante Gago Coutinho, patrono do curso, onde foi depositada uma coroa de flores, tendo usado da palavra o sr. Horácio Teixeira, o capelão Ferreira de Melo e o contra-almirante Sarmento Rodrigues.

O almoço de confraternização decorreu no refeitório da Fábrica Nacional de Cordoaria, sob a orientação do despenseiro Domingos, também ele «filho da escola»; como sempre, este encontro serviu para relembrar tanta coisa...

O COMANDANTE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA EVOCADO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

No dia 2 de Maio decorreu no Centro de estudos de Marinha em Belém uma sessão dedicada à memória do capitão-de-mar-e-guerra Henrique Lopes de Mendonça.

Presidiu o contra-almirante Sarmento Rodrigues, fazendo parte da mesa o presidente da secção de Artes, Letras e Ciências, capitão-de-mar-e-guerra Rodrigues dos Santos; o orador, contra-almirante Ramos Pereira; o secretário-geral, capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, e o secretário da Secção de História Marítima, engenheiro inspector superior Sousa Campos. Presentes vários membros da família do homenageado, abrangendo as gerações dos filhos, netos e bisnetos, bem como oficiais generais e superiores da Armada e outras personalidades.

O conferente, depois de analisar os primeiros passos da vida do comandante Lopes de Mendonça e da sua tendência inata para a literatura, referiu os grandes êxitos alcançados como dramaturgo e poeta, fazendo notar que foram os seus dramas históricos que deram início à era do neo-romantismo no teatro português no último quartel do século XIX.

Evocou seguidamente o período da indignação e revolta do povo português aquando do ultimato de 1890 e o histórico episódio em que o espírito exaltado de Alfred Keil e o elevado sentido poético de Lopes de Mendonça se uniram para produzir as belas estrofes de grande sentido patriótico do que viria a ser o Hino Nacional.

Apreciou ainda o orador as numerosas conferências e comunicações apresentadas pelo comandante Lopes de Mendonça, os seus apurados estudos históricos e o aspecto altamente valioso que a sua obra assumiu no campo da arqueologia naval de que foi precursor em Portugal.

OS ALUNOS MARINHEIROS DE 1948 CONFRATERNIZARAM

No dia 6 de Maio, os alunos marinheiros da incorporação de 1948 reuniram-se num almoço de confraternização, comemorativo do 25.º aniversário do seu alistamento.

A concentração fez-se no Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, cujas instalações foram percorridas com saudade e crescente admiração pelas modificações operadas durante este quarto de século.

O almoço, a que estiveram presentes cerca de 40 «filhos da escola», efectuou-se num restaurante de Vila Franca de Xira e decorreu em ambiente de grande entusiasmo e boa camaradagem.

No decorrer do repasto foi guardado um minuto de silêncio em memória dos alunos já falecidos e foi nomeada uma comissão para organizar um novo convívio dentro de seis meses, incluindo desta vez os familiares. Também ficou

assente haver de futuro reuniões anuais.

(colaboração de Palma Jordão, 1.º sarg. L)

O C.N.O.C.A. TEM UMA NOVA EMBARCAÇÃO

No passado dia 8 de Maio, teve lugar no Arsenal do Alfeite a cerimónia da entrega de uma embarcação tipo «Swan 36» ao C.N.O.C.A., que se destina a substituir o iate «Xixão», perdido no mar de Cascais durante um temporal registado em Setembro de 1967. Estiveram presentes àquele acto o presidente da Assembleia Geral do C.N.O.C.A., comodoro Barahona Fernandes; o presidente do Conselho Fiscal, capitão-de-mar-e-guerra Neves Pestana, e a Direcção do clube, representada pelo seu presidente, capitão-tenente Homem de Gouveia, e pelos vogais, aspirantes Saldanha Lopes, Bessa Dionísio e Lima da Fonseca. A nova unidade foi construída nos estaleiros do Arsenal do Alfeite e vem preencher a lacuna verificada com a perda do «Xixão», única unidade que na altura podia navegar no mar e cuja falta se fez sentir de maneira acentuada, especialmente no que toca ao treino de vela dos cadetes e aspirantes da Escola Naval.

VISITA DE ESTUDO DO CURSO GERAL NAVAL DE GUERRA

Acompanhados pelo capitão-de-fragata Coelho da Fonseca os oficiais que se encontram a frequentar o 2.º curso geral naval de guerra efectuaram no dia 10 de Maio uma visita de estudo às instalações da Laboratório de Física e Energia Nucleares, da Junta de Energia Nuclear, em Sacavém.

... E VÃO DOIS!

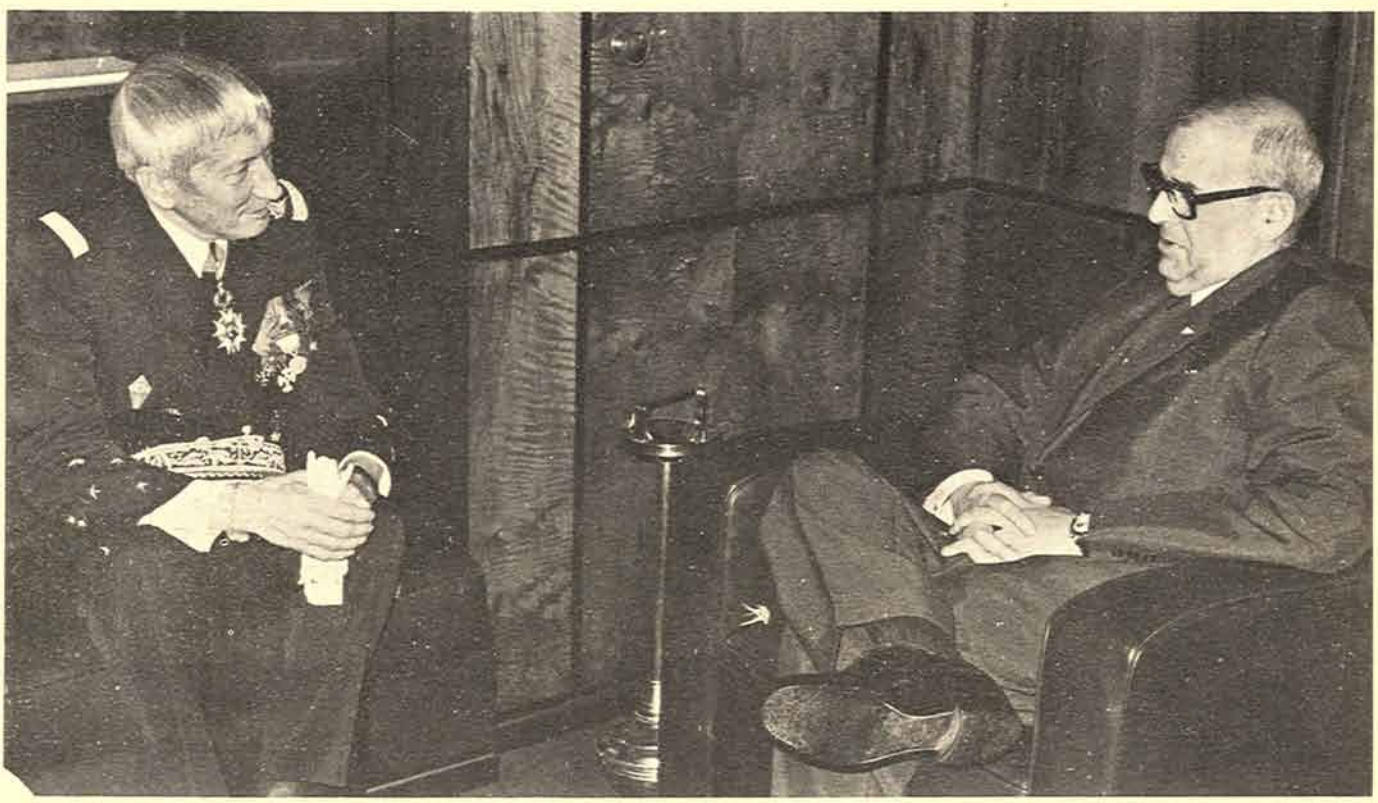
É verdade, leitor amigo, como o tempo passa depressa! Ainda ontem começámos e já aqui estamos a comemorar o nosso 2.º ano de vida.

Tal como no ano passado, mandámos confeccionar um bolo de aniversário, reunimo-nos todos quantos colaboram na Revista –director, corpo redactorial, chefe da Secretaria, escriturário, dactilógrafa e orientador gráfico –,

Da esquerda para a direita: comandantes S. Elpidio, A. Chuquere, Carvalho Andrade e Oliveira Lemos, comodoro Malheiro do Vale, cabo Piedade, escriturária-dactilógrafa Maria do Céu, comandante Sousa Machado, orientador gráfico Hernâni Lopes e sargento M. Horta.

bebemos champanhe em honra da data festiva e fizemos votos de que o espírito que tem animado esta iniciativa se mantenha para que a nossa Revista continue a subsistir e a constituir motivo de agradável distracção para quantos a lêem, quer pertençam ou não à Armada.

E aproveitando as palavras do nosso director na «Nota de Abertura», consideramos que nos achamos de parabéns por tudo quanto já foi realizado e particularmente satisfeitos por não se ter cumprido o vaticínio de alguns «velhos do Restelo» que nos auguravam curtos meses de existência...

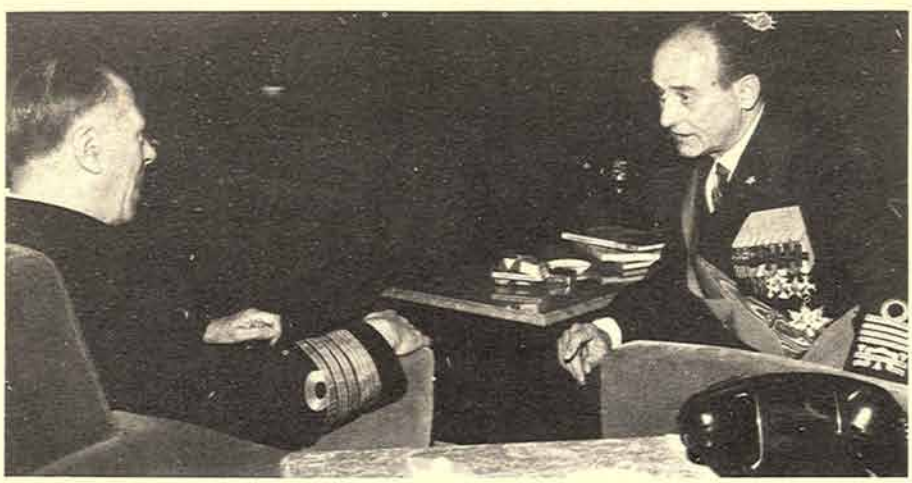


VISITA DO COMANDANTE-CHEFE FRANCÊS PARA O ATLÂNTICO

O vice-almirante francês Gérard Daille, prefeito marítimo da II Região e comandante-chefe para o Atlântico, esteve em Lisboa a convite do contra-almirante Robert B. Erly em visita ao comando da Área Ibero-Atlântica.

Este oficial general avistou-se em apresentação de cumprimentos com o ministro da Marinha e o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos.

VISITA DE CUMPRIMENTOS DO COMANDANTE NAVAL ALIADO DO SUL DA EUROPA



No passado dia 23 de Maio, o almirante Pighini, da Armada italiana, efectuou uma visita de cumprimentos ao ministro da Marinha e ao chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos.

Este oficial general italiano deslocou-se ao nosso país a convite do contra-almirante Robert B. Erly, comandante da Área Ibero-Atlântica a fim de visitar as instalações daquele comando, em Oeiras.

XI
ASSEMBLEIA EUROPEIA
DE PILOTOS DA BARRA

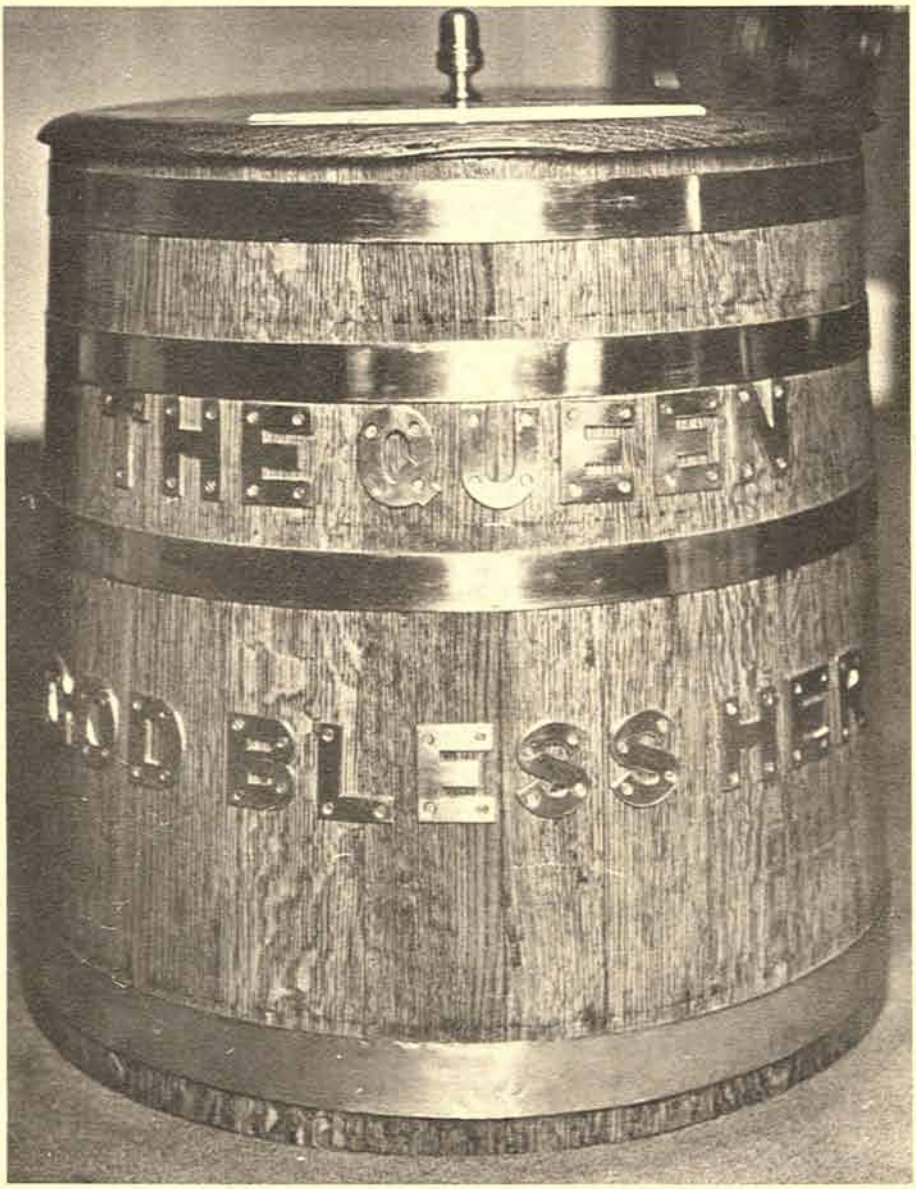
De 15 a 17 de Maio decorreu em Lisboa a XI Assembleia Anual da Associação Europeia de Pilotos da Barra, organismo que foi criado há 10 anos em Antuérpia e que tem como objectivo a troca de informações respeitantes aos aspectos profissionais, financeiros, legais e sociais da pilotagem em geral.

Os pilotos participantes, de vários países, visitaram durante a sua estada em Lisboa os estaleiros da Lisnave e foram obsequiados com um jantar oferecido pelo director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo, contra-almirante Paulino Pereira.

O presidente e o secretário desta Associação, srs. Ettore Ragazi e Franco Tintelli, em companhia do director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo; director da Marinha Mercante, capitão-de-mar-e-guerra Justiniano do Nascimento, e piloto-mor de Lisboa, Paulo de Oliveira, apresentaram cumprimentos ao ministro da Marinha, a quem fizeram entrega do diploma e da medalha de piloto europeu honorário.

MARINHEIROS BRITÂNICOS EM LISBOA

Dentro do programa das comemorações do 6.º centenário da aliança luso-britânica, deslocou-se ao nosso país uma força naval composta pelo *destroyer* lança-mísseis «Glamorgan», pelas fragatas «Jaguar» e «Hardy» e pelo navio de rebastecimento «Regent», sob o comando do contra-almirante R. P. Clayton. Várias actividades assinalaram a presença dos marinheiros britânicos em Lisboa: cumprimentos e recepções oficiais, passeios aos arredores da capital e visita a locais de interesse turístico, regatas no Mar da Palha e outras competições desportivas, concertos pela Royal Marine Band e uma cerimónia de

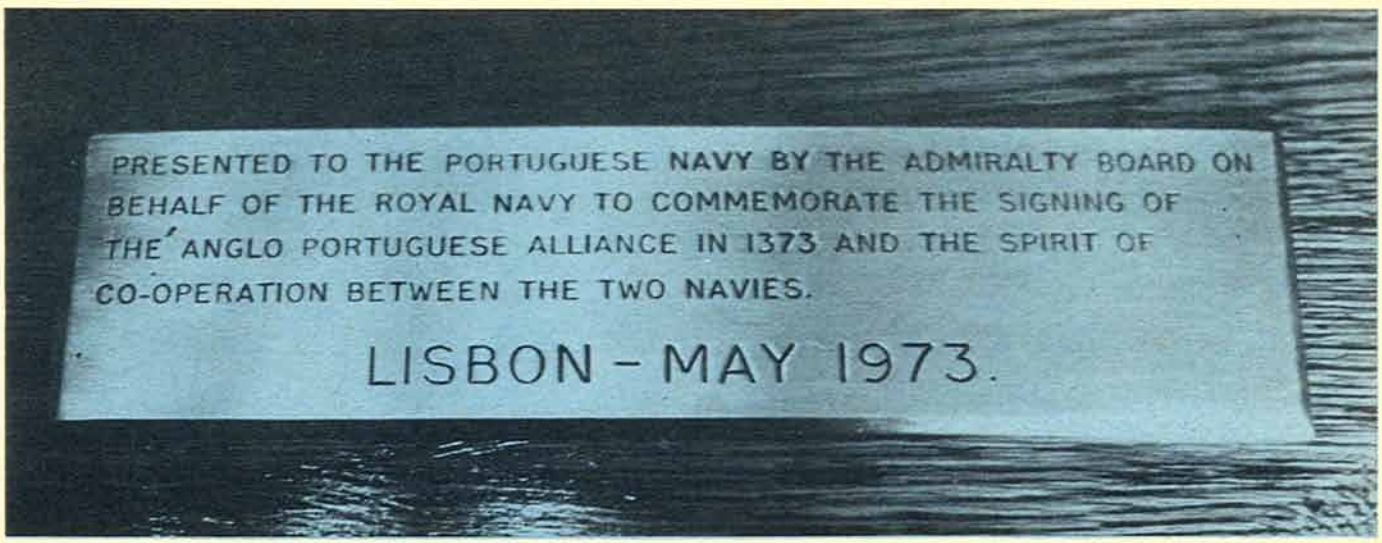


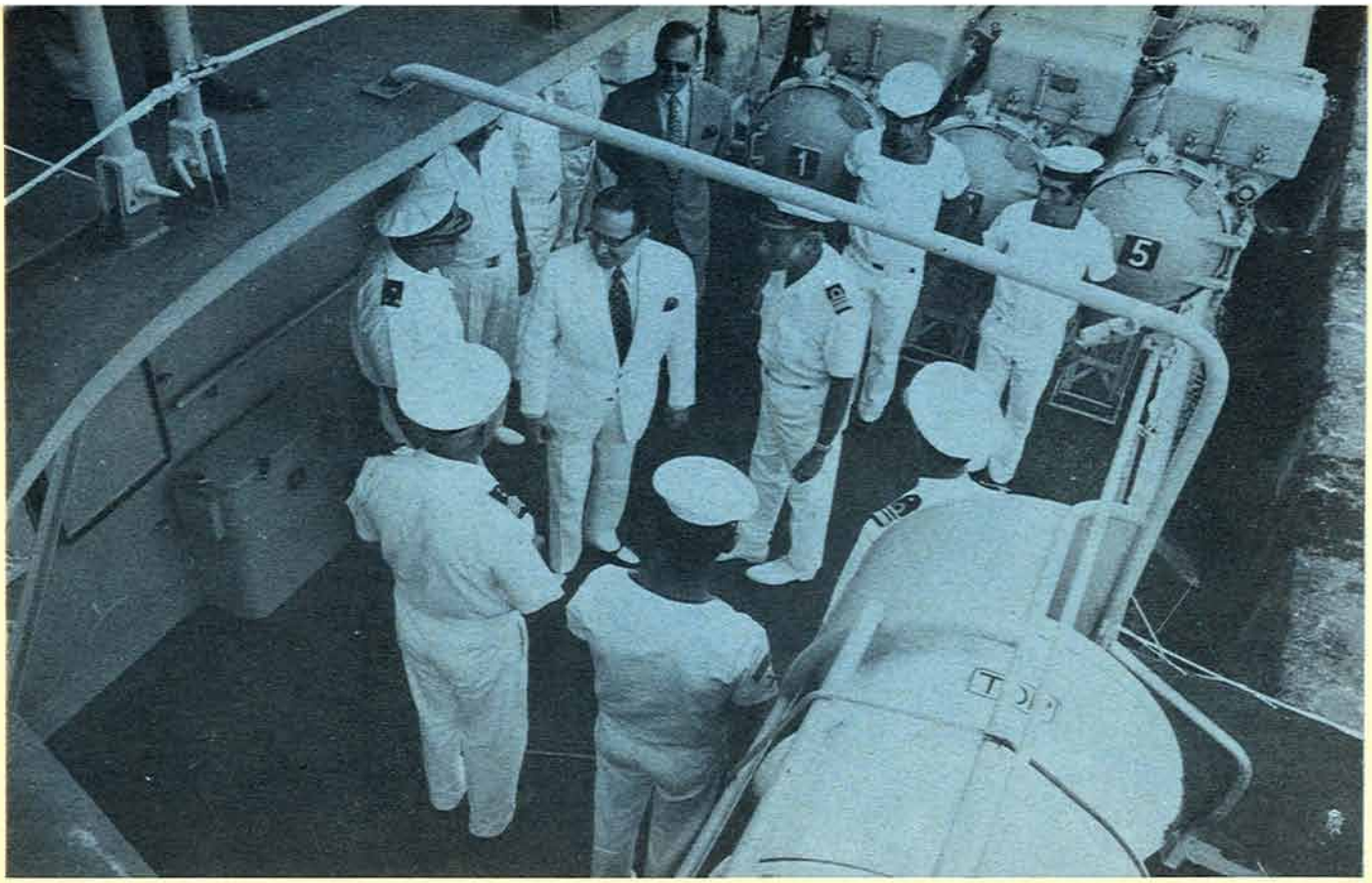
homenagem aos navegadores portugueses junto do Padrão dos Descobrimentos em Belém, com a presença do embaixador britânico e do ministro da Marinha; chefe do estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; subchefe do Estado-Maior da Armada, comodoro Silva Braga e outros oficiais ingleses e portugueses. Nesta cerimónia o comandante da força, contra-almirante Clayton, depôs uma âncora de flores na base daquele monumento enquanto eram executados os hinos dos dois países.

No decurso de um almoço oferecido pelo chefe do Estado-Maior da Armada ao contra-almirante Clayton na Base Naval, este oficial general fez entrega de uma oferta representando uma barrica para rum das utilizadas a bordo na tradicional cerimónia de distribuição daquela bebida nos antigos navios da marinha inglesa. O artístico objecto tem gravada em inglês a seguinte e significativa inscrição que traduzimos:

OFERECIDO À MARINHA PORTUGUESA PELO ALMIRANTADO EM NOME DA MARINHA BRITÂNICA COMEMORANDO A ASSINATURA DA ALIANÇA LUSO-BRITÂNICA EM 1373 E O ESPÍRITO DE COOPERAÇÃO EXISTENTE ENTRE AS DUAS MARINHAS.

LISBOA – MAIO 1973.





A FRAGATA «COMANDANTE SACADURA CABRAL» NO SUL DE ANGOLA

A bordo da fragata «Comandante Sacadura Cabral» o governador-geral do estado de Angola, eng.º Santos e Castro, deslocou-se em visita oficial à Baía dos Tigres. Após o embarque, efectuado em Moçâmedes, o governador-geral percorreu demoradamente as instalações do navio. Na viagem foi acompanhado pelo comandante naval, contra-almirante Silveira Borges, pelo governador do Distrito, capitão-tenente Amândio Rogado, e pelo capitão do porto, capitão-de-fragata Medeiros e Câmara.

(Colaboração do cap.-ten. AN Caeiro Junça)

JANTAR DE HOMENAGEM AO VICE-ALMIRANTE FERNANDO DE ORNELAS E VASCONCELOS

Por ter atingido o limite de idade passou à Reserva, no dia 30 de Maio, o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, chefe do Estado-Maior da Armada.

Os oficiais generais prestaram-lhe significativa homenagem reunindo-se nesse dia num jantar na Escola Naval.

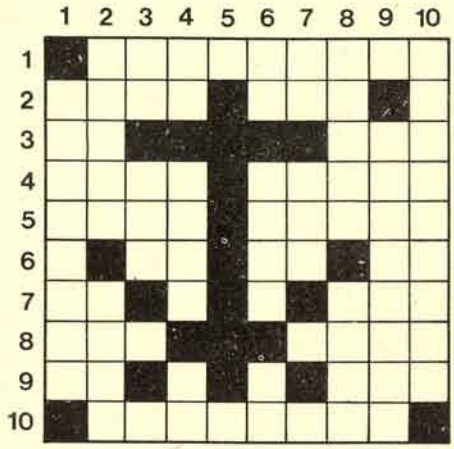
Presidiu Sua Excelência o almirante Américo Thomaz, estando presentes quase todos os oficiais generais das várias classes da Armada. Aos brindes falou em primeiro lugar o vice-almirante Roboredo e Silva, em nome de todos, enaltecendo as qualidades e virtudes do homenageado. Sua Excelência o almirante Américo Thomaz, que frisou falar na sua qualidade de almirante e não de Presidente da República, quis também proferir algumas palavras de homenagem ao vice-almirante Ornelas e Vasconcelos.

Por último, o homenageado agradeceu comovidamente a homenagem que acabava de lhe ser prestada, bem como a grã-cruz da Ordem Militar de Aviz que na ocasião lhe foi imposta por Sua Excelência o Presidente Thomaz.

Em nome dos oficiais generais presentes o vice-almirante Roboredo ofereceu ao homenageado uma lembrança.

quarto de folga

PALAVRAS CRUZADAS



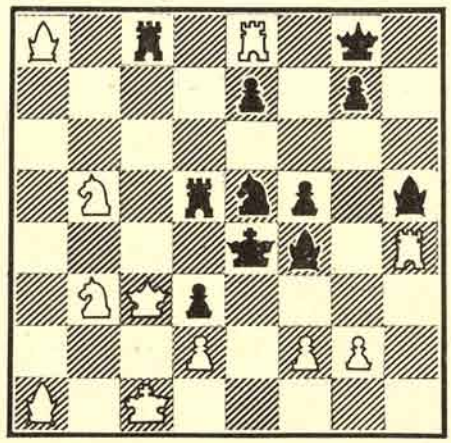
HORIZONTAIS: 1 – Iniciarias viagem por mar. 2 – À superfície da água; por vezes é sinal de proximidade de terra. 3 – Nos equipamentos electrónicos, usa-se, em vez de traduzido; detecta os submarinos, do ar. 4 – Pode aparecer a bordo, se não houver higiene; há estátuas feitas disso. 5 – Quando o navio sobe e desce; entre de quarto com os olhos. 6 – «Quartel general» naval; herói da Marinha (iniciais); actuam debaixo de água (iniciais). 7 – Em «morse» são oito traços; rio da França, afluente do Garonne. 8 – Às vezes há que corrigi-lo; reduz a superfície do pano. 9 – Um dos serviços de bordo (abrev.); só em caso de emergência. 10 – A bordo existem, de ferro.

VERTICAIS: 1 – É difícil de vê-las completas, nos navios. 2 – Faz o vento no cordame; só têm funções tácticas. 3 – Depois da meridiana já se não usa; quartel de «fuzos» (iniciais). 4 – Termo também usado pelos civis; anagrama de aliança internacional; nos Almanaques vem a dos astros. 6 – Fábrica de navios (iniciais); muito antigos; lado do vento ao contrário. 7 – Os navios têm de lá estar ao **comex**; têm gravado «Ministério da Marinha». 8 – Furtei em calão, ao contrário; o mar quando está estanhado. 9 – Os fuzileiros são-no, em combate. 10 – Chegam a fechar a barra de Lisboa.

A. Chuquere
Cap.-frag.

Solução na pág. 34

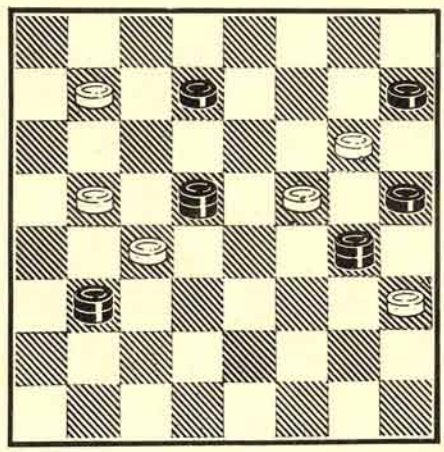
XADREZ



As brancas jogam e ganham em 2 lances.

Solução na pág. 34

DAMAS



Jogam as brancas e ganham em 5 lances.

Solução na pág. 34

AUTÊNTICA. PASSOU-SE

Uma menina de menos de três anos de idade já sabia cantar aquela célebre música «Parabéns a Você» que, pode-se dizer, está universalizada. Sempre que havia anos na família, era ela que cantava tão significativa melodia com o encanto da sua tenra idade.

Um dia entrou com a avó, pela primeira vez, numa igreja e à hora da missa de certa abundância de fiéis.

Os seus lindos olhos, ávidos de coisas novas, olhavam para tudo e para todos.

Quando, a certa altura, notou num recanto da igreja a imagem de uma santa rodeada de velinhas acesas não se conteve e com o ar mais angélico que se possa imaginar, mas com candura chocante, numa vozita afinada e despreocupada, rompeu com o

Parabéns a você
Nesta data tão querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida

Foi muito difícil, às pessoas que tal ouviram, manter a necessária compostura que é devida a um templo, mas também ninguém teve coragem de interromper um anjo na Terra a cantar.

Capt. Zuzara

CONCURSO N.º 22

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

UM ACHADO INTERESSANTE...!?

Numas escavações efectuadas nuns terrenos nas proximidades de Roma foi encontrada uma ve-

lha moeda de cobre que tinha numa das faces a efígie de um imperador romano e por baixo a inscrição 90 AC (noventa anos antes de Cristo).
Este achado teria sido brincadeira de alguém ou teria sido possível?

N. R.: *Na solução fundamente a resposta.*

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

PUZZLE DE PALAVRAS

Lema da Armada

1 D	⚓	2 E	3 F	4 C	5 A	6 G	7 F
8 B	9 E	10 E	11 G	12 C	13 D	⚓	⚓
⚓	⚓	14 A	15 A	16 D	⚓	17 A	⚓
⚓	18 E	19 G	20 A	21 B	22 E	23 C	⚓
⚓	24 D	25 A	26 F	⚓	27 F	28 B	29 C
30 G	31 E	32 F	33 C	34 D	35 B	=	⚓

A – Numeral digito, par 14 15 17 20 5 25
B – Divisão do dia . 8 28 21 35
C – Escorrega 33 12 4 13 29 23
D – Limpe 34 1 24 16
E – Produto da horta . 18 31 2 22 10 9
F – Moi tabaco 32 3 26 27 7
G – Nome de mulher . 11 6 30 19

A. Chuquere
Cap.-frag

Solução na pág. 34

PROBLEMAS PARA ENTRETER

1 – Pulso:

Estenda sobre a mesa uma nota de banco. No centro da nota coloque uma garrafa com o gargalo para baixo. Sem tirar a garrafa e sem permitir que nada lhe toque, salvo a nota, ou a mesa, retire a nota.

2 – Equação:

Disponha dez fósforos ou palitos de maneira que formem em números romanos a equação: X i + I = X. Esta equação é falsa para os matemáticos como é evidente. Pois sem tocar em nada, faça que possa lê-la correctamente.

3 – Moedas:

Coloque uma moeda pequena entre duas maiores do mesmo valor, de maneira que fique tangente a estas últimas. O problema consiste em colocar a moeda da direita na posição central, sem mover a moeda do meio nem tocar na moeda da esquerda.

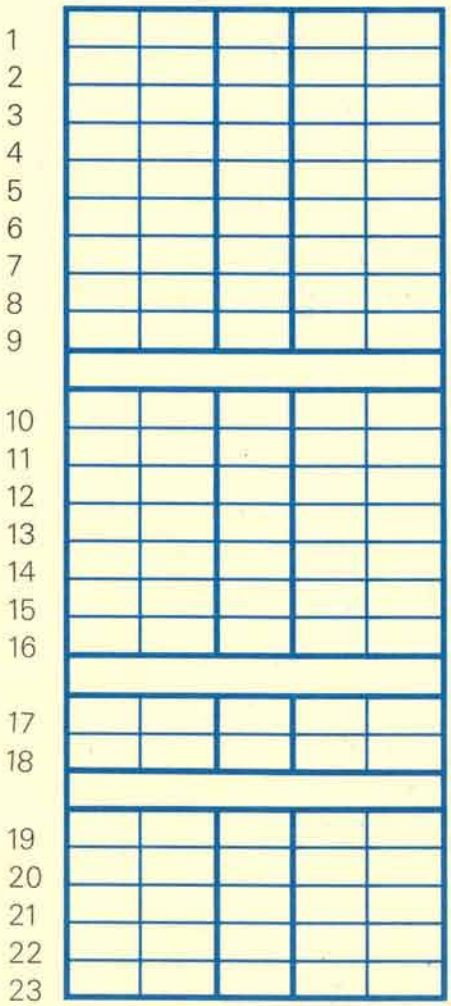
4 – Coloque um cartão sobre os bordos de um copo e ponha uma pequena moeda em cima do cartão. Depois sopre até fazer que a moeda caia dentro do copo.

5 – Segure um guardanapo por duas pontas e sem soltá-lo dê-lhe um nó.

F. Bastos
2.º-gr. RM E

– O Senhor paga sempre com uma nota tão grande...
– É para ver se a menina me dá mais troco...

PILHA DE PALAVRAS



1 – Planta medicinal.
2 – Encantadoras
3 – Tragar
4 – Demente
5 – Enganas
6 – Rocha
7 – Diz-se dos seres humanos
8 – Casa de comidas e dormidas
9 – Que reune todas as perfeições.
10 – País do Oriente
11 – O mesmo que lienite (Lat.)
12 – O que há de melhor no ser humano
13 – Esmalte negro
14 – Dá ideia
15 – Suino
16 – Aproximadamente
17 – Apetrecho de gado cavalar
18 – Amena
19 – Taberna
20 – Exclusiva
21 – Zelas
22 – Nome da divindade principal da seita religiosa Bramanes (pl.)
23 – Barulho

Depois do passatempo concluído, o leitor encontrará na coluna central o nome de um almirante, antigo ministro da Marinha. Actualmente na nossa Marinha de Guerra existe um navio com esse nome. Além disso o passatempo tem a particularidade de na coluna inicial ter escrito o nosso alfabeto.

Valdemar M. Abrantes
Mar. T.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: – Zarparias. 2 – Lume; ave. 3 – ON; MAD (Magnétic Airborne Dectector). 4 – Tifo; ébano. 5 – Arfa; vigie. 6 – CN (Comando Naval); OC (Oliveira e Carmo); MS (Mergulhadores Sapadores). 7 – Oo; Lot. 8 – ETA (Estimate Time of Arrival); rise (de risos). 9 – SC (Serviço de Comunicações; SOS. 10 – Sarilhos.

VERTICAIS: 1 – Lotações. 2 – Zunir; OTCS (Officer in Tactical Command). 3 – AM (Ante Meridium); FFC (Força de Fuzileiros do Continente). 4 – Ré; OANT (anagrama de NATO ou OTAN); AR (Ascensão Recta). 6 – A. A. (Arsenal do Alfeite); evos; ol (ló, ao contrário). 7 – R. V. (Rendez-vous); BIC (esferográficas). 8 – iemag (gamei ao contrário); liso. 9 – Animosos. 10 – Sudoestes.

XADREZ

1. DC3 – C5

DAMAS

Brancas	**Pretas**
f5 – e6	d5 x g8
b7 – a8	b3 x d5
b5 – c6	h7 x f5
a8 – b7	

PUZZLE DE PALAVRAS

A ..... QUATRO
B ..... HORA
C ..... PATINA
D ..... LAVE
E ..... PEPINO
F ..... MASCA
G ..... RITA

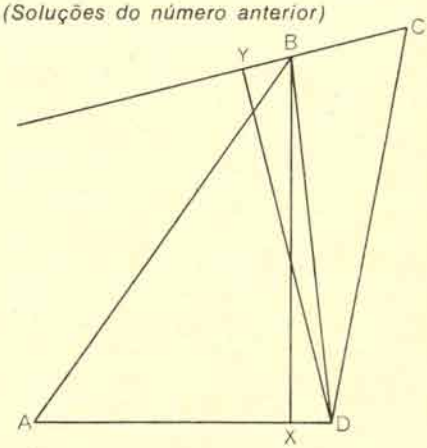
– A PÁTRIA HONRAI QUE A PÁTRIA VOS CONTEMPLA –

PILHA DE PALAVRAS

1 – Asaro. 2 – Belas. 3 – Comer. 4 – Doida. 5 – Erras. 6 – Fraga. 7 – Gente. 8 – Hotel. 10 – Japão. 11 – Liene. 12 – Moral. 13 – Nielo. 14 – Opina. 15 – Porco. 16 – Quase. 17 – Rédea. 18 – Suave. 19 – Tasca. 20 – Única. 21 – Velas. 22 – Xivas. 23 – Zoada.
(«Almirante Pereira da Silva»)

PARADOXOS GEOMÉTRICOS

(Soluções do número anterior)



TEOREMA 3

Se um quadrilátero ABCD tem o ângulo A = ângulo C e AB = CD é um paralelogramo.

A demonstração está correcta se X e Y estão ambos situados nos lados do quadrilátero ou se estão ambos fora dos lados do quadrilátero. A demonstração falha nos casos em que X e Y estão um num lado e outro no prolongamento do outro lado, como se mostra na figura junta. A figura respeita todas as condições do Teorema mas não é um paralelogramo.

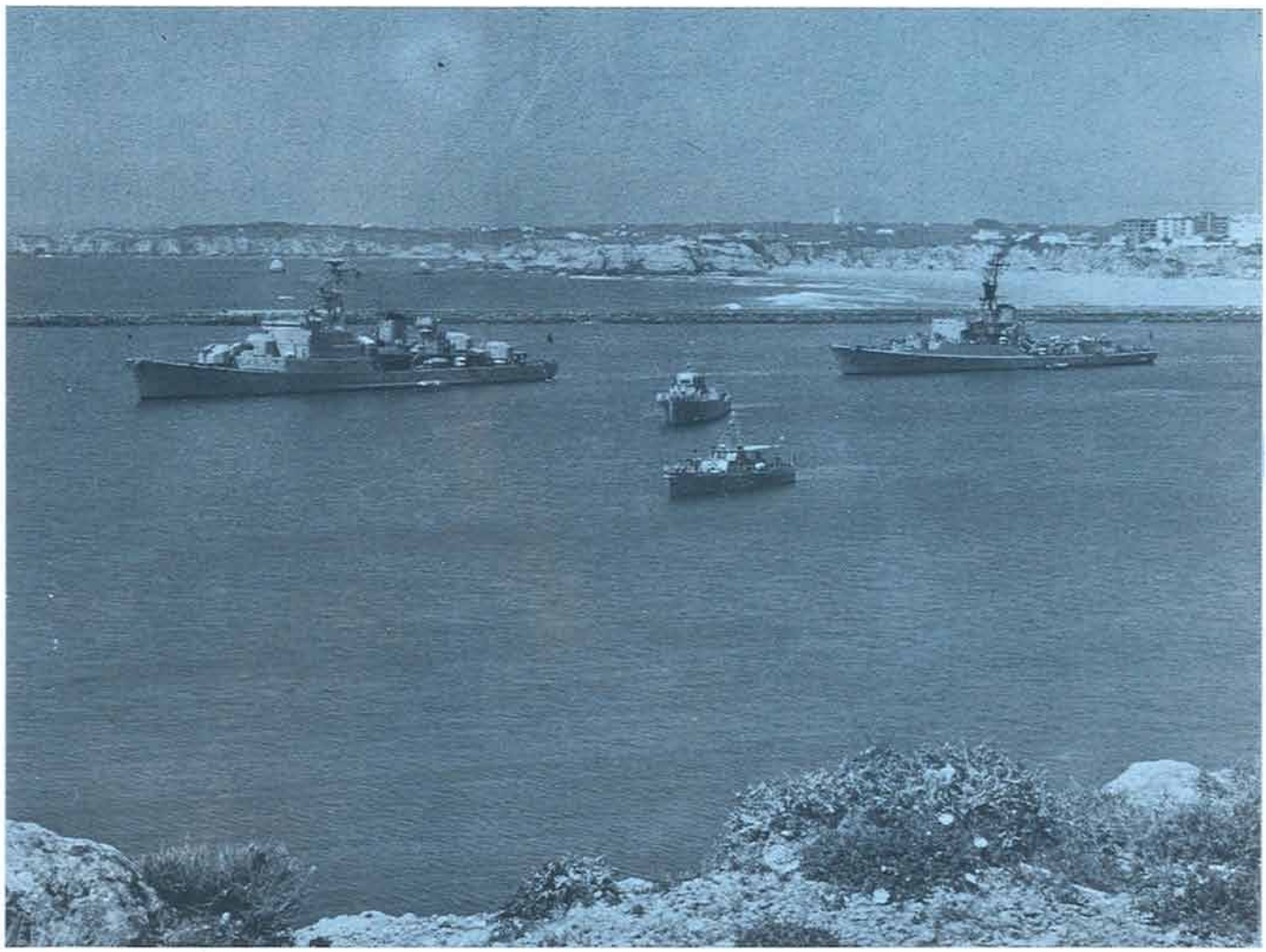
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 20

– Pólo Norte.

VENCEDOR:

Américo Campos, cabo AES.

NO PORTO INTERIOR DE PORTIMÃO



(Foto da Capitania do Porto de Portimão)

Pela primeira vez duas fragatas, «Comandante Hermenegildo Capelo» e «Pero Escobar», fundearam dentro dos molhes da barra de Portimão. Na fotografia também as lanchas de fiscalização «Corvina» e «Dom Jeremias»

NAVIOS DA ARMADA

Fragata «Comandante João Belo» *(Foto de M. Horta, sarg.-aj. L)*

Características principais das fragatas classe "Comandante João Belo"

Deslocamento máximo: 2230 ton. Comprimento f.f.: 102,8 metros; boca: 11,6 metros; pontal: 6,52 metros. Velocidade máxima: 26.1 nós. Autonomia a 11 nós: 11 650 milhas.

Armamento: 3 torres com peças de 100 mm MK 1964; 1 morteiro quadruplo de 305 mm (A/S), com possibilidade de fazer fogo contra terra; 2x3 tubos lança-torpedos KT 50 (A/S). Todo este armamento é orientado por direcções de tiro, cujos cálculos e equações são feitas por calculadores electrónicos. Independentes deste sistema: 2 peças de 40 mm.

Sonares: 1 de ataque (DUBA-3A) e 1 de pesquisa (SQS-17A).

Radares: 1 de aviso de superfície (DRBV 50); 1 de aviso aéreo (DRBV 22A); 1 de artilharia (DRBC 31). Os indicadores destes radares são de concepção moderna, no domínio de carta independente; e 1 auxiliar de entrada nos portos (DECA).

Equipamento de detecção de radioactividade: estes navios estão dotados de um sistema electrónico de detecção e medida da actividade radioactiva na atmosfera, que permite ainda determinar o seu azimute predominante.

Em presença de um ataque atómico ou numa área de forte influência radioactiva, estes navios são protegidos por um complexo de «chuveiros». Nesta situação o poder ofensivo pode ser mantido. Todo o pessoal se mantém no interior, ficando as torres de 100 mm, os tubos lança-torpedos e o morteiro a ser comandandos automaticamente.

Aparelho motor: 4 motores Diesel SEMT-PIELSTICK PC2 de cerca de 20 000 HP; 4 grupos electrogéneos MGO; 2 linhas de veios; 2 instalações de ar condicionado.

São quatro fragatas deste tipo, todas construídas nos Ateliers et Chantiers de Bretagne – Compagnie des Ateliers et Forges de la Loire, de Nantes, França: «Comandante João Belo» (lançada à água em 22-3-66); «Comandante Hermenegildo Capelo» (lançada à água em 29-11-66); «Comandante Roberto Ivens» (lançada à água em 8-8-67) e «Comandante Sacadura Cabral» (lançada à água em 15-3-68).